

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PEDAGOGIA DO GALPÃO:
PRÁTICA SOCIAL
COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MARCIO TASCHE TO DA SILVA

**Santa Maria, RS, Brasil,
2005**

**PEDAGOGIA DO GALPÃO:
PRÁTICA SOCIAL
COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

por

Marcio Tascheto da Silva

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS, Brasil,

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PEDAGOGIA DO GALPÃO:
PRÁTICA SOCIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

elaborada por

Marcio Tascheto da Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Guilherme Carlos Corrêa (UFSM)

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck (UNISINOS)

Santa Maria, 11 de Abril de 2005.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles (as) que de forma ou de outra aqui estiveram como palavras ou como livros, como lágrimas ou como sorrisos, como pele ou como espírito. São tantos (as) que trago colado na alma em fios de memória. Constelações de amigos e amores em uma plêiade de lembranças. Espero que possam, em linha ou outra, asseverarem suas existências nestas linhas cintiladas de alheamento, e por quando ou onde, entrarem dos jeitos vossos nestas paisagens de chuva.

Somente um nome mencionarei dentre tantos ao qual devo sincero agradecimento, nome de menino, que de nascimento quase junto com estas linhas, aprendi com o prazer da estranheza. Nome de menino, que de pouco em vez, por ocasião diversa, foi levando o meu entender de homem, educador e pesquisador aos jardins da inocência perdida. Nome de menino, que com pouco de existência, encanta pela novidade da vida. E, se mais uma etiqueta precisar para comprovar minha estada neste mundo, revelo meu agradecimento ao único dos nomes aqui mencionado: ao meu filho Pedro pela poesia da paternidade.

Advertência/1

Fica para o leitor que agora se aventura por estas páginas um pequeno aviso, que, aqui, pouco encontrará de palpável com as experiências passadas em dissertações. Como uma espécie de sumário perdido de Fernando Pessoa, esta proposta dissertativa caminha em paisagens de chuva por entre viagem nunca feita. Não cabe nela (dissertação) expectativa do ontem nem formato de palmatória.

Advertência/2

Ainda nos avisos, cabe lembrar que o desassossego desta proposta dissertativa carrega uma miríade de projetos perdidos pelo tempo, fragmentos de fragmentos, atados por narrativas decalcadas em pegadas na argila. Por essas e outras conspirações os alheamentos vão se tornando estilo e a desarrumação ganha uma certa apoteose do absurdo. O que segue também prima por aconchego de um jeito que só o leitor (a) resolverá ou não dar.

Advertência/3

Estes escritos preliminares, espécie de prólogo do prólogo, têm razão de existência no desenrolar da leitura. Um mapa cognitivo para dar entrada ao que aqui começa e não termina. Boa sorte!

O CATADOR

Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
Ou de lado,
Ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais - o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganham o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar
Pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam de trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do ser.
Garante a soberania do ser mais do que do ter.

Manoel de Barros

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

PEDAGOGIA DO GALPÃO: PRÁTICA SOCIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Autor: Marcio Tascheto da Silva

Orientador: Jorge Luiz da Cunha

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de Abril de 2005.

O presente projeto Pedagogia do Galpão – Prática Social como Prática Pedagógica - tem como objetivo principal pensar a educação a partir dos processos e práticas sociais, para isso, ambientaliza suas problematizações junto a uma experiência com trabalhadores do lixão da cidade de Santa Maria/RS. Daí, que a história de luta deste grupo de catadores de materiais recicláveis pela/na construção de um galpão de triagem e reciclagem de lixo se traduz ou não em pedagogia. Com o intuito de pensar a educação por entre este contexto, foi trançado neste trabalho as narrativas deste movimento, sendo nas veredas de linguagem colocadas um meio de pensar a prática social como prática pedagógica. Uma espécie de pedagogia que pode haver no movimento pela construção do galpão. Possuindo como problema central o esforço de pensar educação partindo do mundo da vida, pela qual, por seus dilemas vamos inventando por onde pedagogizarmo-nos. A proposta dissertativa está dividida em três capítulos: 1) Na escola do lixo: Aprendendo a gritar; 2) Pedagogia do Galpão: O grito; 3) Tecendo manhãs: do roubo a prática do grito. Além dos capítulos consta nesta dissertação três Interlúdios: 1) Niilismo/Vontade Potência; 2) Dobra/Querer Artista; 3) Fabricando Conceitos Inventando Razão. Como apresentação/convite aos capítulos e interlúdios consta um prólogo e as devidas considerações finais com os títulos: Sete Sintomas para um Prólogo e Epílogo: Aprendendo a carregar água em peneira.

Palavras-chave: Pedagogia, Educação, Lixo, Catadores, Galpão.

ABSTRACT

PEDAGOGY OF STOREHOUSE: SOCIAL PRACTICE LIKE PEDAGOGY PRACTICE

The main purpose of this paper is to think about education starting with social practice, for it, adapt oneself to the problems with an experience that comes from the garbage catchers that work at waste dump in the city of Santa Maria/RS. The fighting story of this group of recycled materials catchers by building of storehouse can be or not be pedagogy. Then, with the aim of thinking education through this context was put the narrative of this motion being by-path languages the way of thinking the social practice like a kind of pedagogy that there might be in the building of this place. The central problem of this work is to try to think about education starting by the world of the life, whose dilemmas we invent through our pedagogy. The proposition of this dissertation is divided in three chapters: 1) At garbage school: learning to scream; 2) Pedagogy of storehouse: The scream; 3) Weaving mornings: From robbery to scream practice. Besides of the chapters this edition has three interludes: 1) Nihilism/wish potency; 2) Fold/ artistic wish; 3) Making concepts inventing reason. Like show/invitation to chapters and interludes it has got a prologue and finale considerations with the titles: Seven symptoms for a Prologue and Epilogue: Learning to carry water in sieve.

Key-words: Pedagogy, Education, Garbage, Catchers, Storehouse.

SUMÁRIO

SETE SINTOMAS PARA UM PRÓLOGO	10
CAPÍTULO I – NA ESCOLA DO LIXO: APRENDENDO A GRITAR! ...	20
INTERLÚDIO I – NIILISMO / VONTADE DE POTÊNCIA.....	32
CAPÍTULO II - PEDAGOGIA DO GALPÃO: O GRITO!.....	40
INTERLÚDIO II – DOBRA/QUERER-ARTISTA.....	57
CAPÍTULO III – TECENDO MANHÃS: DO ROUBO À PRÁTICA DO GRITO.	62
INTERLÚDIO III - FABRICANDO CONCEITOS, INVENTANDO RAZÃO.	75
EPÍLOGO – APRENDENDO A CARREGAR ÁGUA NA PENEIRA.....	84
BIBLIOGRAFIA.....	89

SETE SINTOMAS PARA UM PRÓLOGO

A DISFUNÇÃO

Se diz que há na cabeça dos poetas um parafuso de a menos
Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos
A troca de parafuso provoca nos poetas uma certa disfunção lírica.
Nomearei abaixo sete sintomas dessa disfunção lírica.
I – Aceitação da inércia para dar movimento às palavras.
II – Vocação para explorar os mistérios irracionais.
III – Percepção de contigüidades anômalas entre verbos e substantivos.
IV – Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras.
V – Amor por seres desimportantes, tanto como pelas coisas desimportantes.
VI – Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra.
VII – Mania de comparecer aos próprios desencontros.
Essas disfunções líricas acabam por dar mais importância aos passarinhos do que aos senadores.

Manoel de Barros

Talvez “um parafuso trocado” seja o responsável pela forma que tomou esta proposta dissertativa. Se a troca de parafusos provocou esta “disfunção lírica” que me levou a escrever deste jeito e não de outro, me pergunto sobre os sintomas desta disfunção.

Manoel de Barros elenca sete sintomas que caracterizariam esta “disfunção”. Lambendo suas palavras fiquei inventando razão para escrever uma introdução a esta dissertação que fosse solidária com as disfunções do poeta.

E não é que ele tinha razão! Estas disfunções aparecem ora de uma maneira ora de outra nos rumos e vias sinuosos, bifurcados, e sem destino que a poética da escrita me levou.

I

Primeiro, foi preciso aceitar a inércia para dar movimento às palavras. Depois de viver intensamente desde junho de 2001 uma série de experiências com a comunidade do “corredor” – Beco localizado no Distrito de Santo Antônio composto na sua maioria por famílias que trabalham no lixão da cidade de Santa Maria/RS que, para sobreviverem, sustentam-se com a cata de materiais recicláveis no Lixão da cidade – junto com os catadores de materiais recicláveis do lixão da cidade em vontade comum de construção de um “galpão” de triagem e reciclagem de lixo.

E, é desta experiência em movimento que extraio o problema desta proposta dissertativa, que não é outro se não o de problematizar os desdobramentos de aprendizagens que a prática social de uma experiência em curso como o movimento de construção do galpão de triagem e reciclagem de lixo provoca. Fazendo das práticas sociais práticas pedagógicas situadas nas relações que a comunidade vai travando com si mesma e com o mundo.

Desta tentativa de enxergar e enxertar pedagogias no fazer social do “povo do galpão” nasceu a “idéia” (no sentido Kantiano) desta proposta dissertativa. Fazendo perguntas como: De que jeito na práxis do viver¹ do contexto lixão se aprende? Como esse aprendizado se relaciona com as práticas sociais que ele próprio vai inventando? De que forma este aprendizado se dá condicionado nos jeitos do narrado? E o narrado é também um aprendizado destas práticas sociais?

Com perguntas como estas fui percebendo uma vontade, que em mim crescia, de fazer poesia com essas perguntas. Perguntas geradas e concebidas no calor dos “fatos”.

Desde que entrei em contato com a comunidade de catadores do “corredor”, em junho de 2001, venho tecendo relações com as leituras que faço do mundo e as incursões necessárias às bibliotecas, criando cruzamentos experimentativos em leituras do mundo e leitura das palavras.

Pois bem, foi através do projeto Práxis Pré-vestibular² que pude, pela primeira vez, conhecer o lixão da cidade, depois de trabalharmos na época, (eu e o grupo de

¹ Humberto Maturana.

² Projeto criado no primeiro semestre do ano de 2000 por um grupo de acadêmicos de diferentes cursos de formação de professores orientados pela Professora Mestra Marilú Favarin, do Departamento de Administração Escolar da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM - tendo como objetivo a criação de um curso pré-vestibular destinado para pessoas de baixa renda.

estudantes envolvidos no projeto) uma aula que intitulamos “temática”, por abordarmos o lixo como problema a debater a partir de uma série de estímulos/dinâmicas.

Neste dia foi utilizado um curta metragem bastante popular chamado “Ilha das flores” de Jorge Furtado que, problematizado, levou a diversas reações dos presentes. Uma das pessoas que freqüentava o curso pré-vestibular Práxis relatou suas vivências como líder comunitária. Foi assim que conheci Maria Teresa e sua história com a comunidade de catadores do “corredor”. Aceitei o convite para conhecer a “realidade local” e de imediato, comecei a fazer parte das questões que envolviam o “povo do corredor”. Dentre as pessoas que conheci nestas experiências estão os dois narradores desta proposta dissertativa, seu João e seu Paulo (todos nomes fictícios).

De lá para cá foram diversas atividades que realizamos juntos com o objetivo comum de construir o “galpão”. Foram significativos os dias compartilhados em meio à luta para solucionar as necessidades que a comunidade do “corredor” vivencia, da organização de festas a inúmeras visitas a Prefeitura Municipal de Santa Maria, viagens, como a cidade de Porto Alegre no ano de 2001 para conhecer os galpões de triagem e reciclagem de lixo e encontros de “catadores” realizados em outros estados, reuniões do Orçamento Participativo³ e etc.

O movimento do galpão se traduz em múltiplas paisagens diferentes, com histórias diversas e ricas experiências. Seu João e seu Paulo narram, com os jeitos do seu aprendizado, estas vivências molhando as narrativas com o teor do contexto que co-produzem.

A aceitação da inércia produziu (em mim) a potencialidade de ruminar estas andarilhagens dando movimento à voz e a vez dos relatos de seu João e seu Paulo, que, como problema desta proposta dissertativa, localiza-se no segundo sintoma que o poeta elencou: a vocação para explorar os mistérios irracionais.

³ Experiência em curso desde 2001 com a administração municipal do Partido dos Trabalhadores no município de Santa Maria/RS com objetivo de democratizar as decisões do poder executivo na descentralização do governo.

II

Pensando epistemicamente sobre a delimitação do tema, optei por uma metáfora que, de certa forma, norteia os capítulos. Metáfora que exprime um certo jeito de pensar esta dissertação embasada em concepções teóricas recheadas por perspectivas do mundo da vida. Como J. Holloway, no primeiro capítulo do livro *“Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder”* parto de um “grito”.

No princípio era o grito. Nós gritamos. Quando escrevemos ou lemos, é fácil esquecer que no princípio não é o verbo, mas o grito diante da mutilação de vidas humanas provocadas pelo capitalismo, um grito de tristeza, um grito de horror, um grito de raiva, um grito de negação: Não.

O ponto de partida da reflexão teórica é a oposição, a negatividade, a luta. O pensamento nasce da ira, não da quietude da razão; não nasce do fato de se sentar – raciocinar - e refletir sobre os mistérios da existência, fato que constitui o a imagem convencional do que é o “pensador”.

Começamos da negação, da dissonância (HOLLOWAY, 2003, p.9).

É o grito inicial que ecoa nos limites do racional e do irracional, traçando fronteiras, criando realidades. Do “grito” surge uma postura ecosófica⁴ que estabelece um novo paradigma de conhecimento, um paradigma ético/estético que não se preocupa em dar uma resposta mais ou menos “científica”, porém em inventar uma polifonia de modos de subjetivação que corresponda a “uma multiplicidade de maneiras de “marcar o tempo”. Outros ritmos são assim levados a fazer catalisar agenciamentos existenciais, que eles encarnam e singularizam” (GUATTARI, 2000, p.27).

O grito ritualiza uma demarcação teórica situada no compromisso pessoal de auto-superar-se em maneiras de ser/estar no mundo através do linguajar que se estabelece. De uma perspectiva ética faz-se opções na polis a partir de determinados valores criados na convivência com os catadores. De uma perspectiva estética preocupa-se em criar, em liberar um querer artista que re-inventa o mundo.

Servindo-me de H. Maturana, passo, com o autor, a pensar que o ser- vivo só pode existir em um domínio de existência, em uma circunstancialidade ao qual deriva. Sendo circunstancializado pela deriva que experimentei e experimento com o povo do lixão percebo o quanto às perguntas que faço movem o mundo que

⁴ Felix Guattari.

construo. F. Pessoa fala em um poema, que é do tamanho do que vê e não do tamanho de sua altura, penso que a formulação da pergunta tem relação com a forma como vejo o mundo, tanto que a própria pergunta já é resultado da deriva que experimento no domínio da existência em que estou sendo.

Assim, a pergunta me move em um mundo que crio no meu viver. O ato de formular a questão que movimentará as respostas e novas questões, já é ela própria o resultado de um certo olhar no presente de minhas circunstâncias. A perspectiva situa as “razões” que formularam a pergunta em um misto de emoção e razão inseparavelmente ligados.

Como observador, parto do grito irracional para, aos poucos, explorar os seus mistérios.

III

Ainda nas disfunções: a percepção de contigüidades anômalas entre verbos e substantivos e o gosto de fazer casamentos incestuosos com as palavras levaram os escritos a ousarem não só na forma como esta dissertação foi se efetuando, mas também, no jeito que as linhas foram trançadas ao escrever.

Com a pretensão de poetizar a prosa fui, ao longo do trabalho, pintando as letras e palavras com tintas fortes que estimulassem o olhar chamando a atenção para as arestas das frases.

Saiu daí um texto pagão preocupado em polemizar mais do que agradar, preocupado em despreocupar com os convencionalismos e modelos dissertativos. Se o objetivo (se é que tinha algum) foi atingido não cabe ao pseudo-artista dizer.

IV

De todos os sintomas esse tem maior significado para mim, pois a minha leitura exprime uma certa experiência de história: O amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes. Há muito já se disse sobre a vontade de se fazer uma história dos “vencidos”. Talvez aqui os vencidos fossem os “desimportantes”, os passarinhos ao invés dos senadores.

É dos homens ordinários⁵, dos homens comuns⁶, dos homens do subterrâneo⁷, dos homens infames⁸, que trata esta dissertação. Dos desimportantes que povoam as ruas catando o que ninguém mais quer. Esses seres invisíveis que povoam a multidão sem serem vistos, como almas mortas⁹ a perambular perdidos em seus fazeres.

Desde que o grito ecoou mexendo com a percepção da realidade, transformando a realidade que acompanha o olhar de quem grita, as grandezas do ínfimo povoam a perspectiva teórica dada. O grito dos desimportantes com suas coisas desimportantes que ritualizam um cotidiano absolutamente desumano como o fazer social do lixão é a proposta deste trabalho.

Seu João e seu Paulo rivalizam suas desimportâncias nas páginas desta proposta dissertativa, ora um, ora outro, compõem os incestos com as palavras. Suas desimportâncias ganham ares soberanos na tentativa destas linhas de torná-los visíveis no tempo e no espaço em que vivem. Aqui, as desimportâncias são pequenos feixes de luz que querem dissolver as brumas da escuridão iluminando lugares, pessoas e sonhos.

V

Mania de dar canto às asperezas de uma pedra tem esta proposta dissertativa. Das duras condições em que habitam no seu fazer diário no lixão esses homens que falam nestas páginas vão esculpindo, nas asperezas dos relatos, com canto e encanto pelas alternativas que foram surgindo.

Os interlúdios são um pouco disso. Filhos da vontade de querer ser artista, os acordes foram sendo dedilhados nas ligações incestuosas que fui fazendo da vila, do lixão, de seu João e seu Paulo, com as incursões necessárias com as bibliotecas, uma espécie de glossário conceitual. Glossário que surgiu da necessidade que encontrei de não interferir na musicalidade das falas presentes nos capítulos. No intuito de narrar “livremente” sem com elas fazer, naquele momento, demoradas relações com os autores e conceitos que desenvolvo nos interlúdios.

⁵ M. Certau.

⁶ F. Gullar.

⁷ F. Dostoievski.

⁸ M. Foucault.

⁹ N. Gógol.

Ficou para os interlúdios a responsabilidade de problematizar os conceitos que utilizo em uma espécie de intervalo no qual posso fazer novas experiências, aqui entendidas como tentativas de perspectivar o que foi relatado com outros ângulos e possibilidades de visão.

Nietzsche foi o primeiro casamento incestuoso, a primeira relação pagã em três conceitos que molham os capítulos: niilismo, vontade de potência e querer-artista. Dedicados a problematizar estes conceitos foram os interlúdios I e II.

G. Deleuze empresta, além de sua vasta filosofia, a noção de dobra que vai buscar em Leibniz e que muito me serviu ao longo desta proposta dissertativa. Dedicado a problematização deste conceito foi o interlúdio II.

Tendo o livro “O Que é a Filosofia?” de Deleuze e Guattari como base para a confecção do terceiro e último interlúdio foi esboçada uma tentativa de pensar todos os demais. Pretendeu-se colocar em debate os principais conceitos trabalhados nos demais interlúdios a fim de encontrá-los e desencontrá-los com as propostas teóricas que foram desencadeadas. É deste interlúdio a preocupação em estabelecer relação entre os conceitos trabalhados buscando uma coerência textual aforismática que visa, acima de qualquer outra coisa, colocar-se em “descaminhos”.

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT, 1984, p.13).

Além destes autores e livros, muitos outros esculpem, de forma aparente ou não, os jeitos da escrita, levando aos descaminhos, à tentativa de pensar diferentemente do que se pensa.

VI

Mania de comparecer aos próprios desencontros.

Com mania de comparecer aos próprios desencontros, fui, ao longo destas linhas, desencontrando-me nos seus comparecimentos. E, à medida em que o texto foi sendo trançado, fui encontrando alguns “fios de Ariadne” que me conduziram aos jeitos que os capítulos tomaram.

Achei importante inventar razão para as falas de seu João e seu Paulo e criar, no capítulo um, o entrelaçamento entre os fatos que narram o vivido no lixão e os conceitos Nitzschenianos de niilismo e vontade de potência. Pois, foi importante (para mim), o tom negativo que a descrição do contexto lixão ganhou nas falas. Como importante foi perceber a vontade afirmadora que as práticas desviacionistas intercalaram no narrar.

No capítulo dois, a vontade de ultrapassamento que a alternativa galpão simboliza dá razão a uma vontade de potência que se desdobra contaminando todo o social.

Do desdobramento criativo que os relatores experimentam criam-se dobras de sentido e significado que ecoam na comunidade, gerando lutas de lutas, práticas sociais de práticas sociais, práticas pedagógicas de práticas pedagógicas. Este aprendizado múltiplo, enraizado no devir das práticas sociais, vai compor o que chamo de pedagogia do galpão. Pedagogia de pedagogias gerada pela prática do grito.

Foram interpelações importantes nestes dois capítulos: 1) Como se aprende no contexto lixão? 2) Como, no narrado esboça-se um jeito de aprender? 3) Como este aprendizado desdobra-se em outros aprendizados? 4) Como estes aprendizados se articulam com “práticas de si”, com a re-invenção de “si-mesmo”?

O terceiro capítulo desta experiência dissertativa tem como problematização central o ato de narrar como um momento da pedagogia do galpão. Sendo esta problematização uma tentativa de desacomodar-se sobre o vivido, falando-se sobre ele, fazendo com que - na fala de João - “(...) vá se arrecadando a auto-estima do pessoal”.

A forma como a narrativa se desenrola, no ato de contar a “história do galpão”, surge como tema para as interpelações deste capítulo que busca pensar a

narrativa pela narrativa: 1) Como, ao contar sobre o vivido se aprende? 2) De que forma, esse aprendizado, interpola-se com o próprio ato de narrar? e 3) Como o narrar se torna, ele mesmo, prática do grito?

Nos descaminhos, na mania do desencontro, aposta-se no filosofar como prática de pensar o próprio pensamento. Um exercício do olhar que muito tem a ver com a bela história de Manoel de Barros sobre um menino que insistia em, numa peneira, carregar água.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
Que carregava água na peneira.

A mãe disse
Que carregava água na peneira
Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que
Catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em *despropósitos*.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
E até infinitos.

Com o tempo aquele menino
Que era cismado e esquisito
Porque gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
Que era capaz de ser
Noviça, monge ou mendigo
Ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro
Botando ponto no final da frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os
Vazios com suas
Peraltagens
E algumas pessoas
Vão te amar por seus
Despropósitos.

Manoel de Barros

CAPÍTULO I – NA ESCOLA DO LIXO: APRENDENDO A GRITAR!

O que mais há na terra é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica. Porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado. Mas isso depende do que no chão se plantou e cultiva, ou ainda não, ou não já, ou do que por simples natureza nasceu, sem mão de gente, e só vem a morrer porque chegou seu último fim. Não é o caso do trigo, que ainda com alguma vida é cortado. Nem do sobreiro, que vivíssimo, embora por sua gravidade o não pareça, se lhe arranca a pele. Aos gritos.

José Saramago

Dentro do lixo? Lá é precário, ali é precário! Bom (...) puderam conhece, já teve por ali, acompanho o cara trabalha (...) aquilo ali é desumano, o cara trabalha ali dentro (...) além dos gases que o cara respira, o mau cheiro, ali é horrível do cara trabalha.

João¹⁰

Desta forma, João começa, no seu relato, a delinear os contornos de uma paisagem, um ethos pedagógico que, aos poucos, vai, nas arestas da fala, marcando os lugares do aprendizado. O lixão, contexto de uma descrição, torna-se no narrar de João o palco das experimentações do dia-a-dia. Lugar de socialização e de permuta de sentido, o lixão é pedagogizante.

“Ali é horrível” - a fala de João valora o tempo todo a composição de sua intriga. João logo de início evidencia, na acústica de seus fonemas, o descontentamento com o “lugar”. João diz: “ali é desumano (...)” criando na fala a denúncia de uma experiência. Explica o descontentamento com uma prática social na revolta que sente pelas condições de humanidade negada que o contexto “lixão” configura. O horror do trabalho em tais condições leva-o, do seu jeito, a invenção de nexos rebeldes à situação.

João, na caminhada de suas palavras, traz consigo minúcias do cotidiano dando vazão ao “horror” que falava

Olha, praticamente quem não usa luva vem com os dedos talhados (...) eu mesmo já me cravei agulha (...) teve outro cara que faleceu há pouco tempo, também cravo uma agulha no dedo, o dedo dele foi apodrecendo, quase perdeu o dedo, depois ele acabou falecendo, acho que foi derrame (...)

¹⁰ Ver prólogo, aforismo I.

As condições de trabalho no lixão que João descreve, nutrem a revolta de sua voz. O lixo hospitalar que chega clandestinamente misturado com outros dejetos compromete a saúde de quem revira as sacolas à procura do sustento. A precariedade da forma-trabalho, desnuda de equipamentos de proteção, fere a “dignidade do catador”. Porém, esta mesma “dignidade de catador” estabelece um regime de contato com o lugar que acostuma, que refaz exteriores de um jeito todo próprio, situando torções corporais imersas em um fazer singular de catar coisas.

Fazer que coloca João em contato com uma paisagem onde os padrões de saúde gritam, deslocando tipologias justapostas em uma rede social no qual o lixo torna-se outra coisa, diferente de seu discurso racionalista e predominante, torna-se um catalisador de subjetividades instaurando uma economia cotidiana de relações, conflitos, contatos, invenções e imagens ressonantes.

A singularização que o contexto lixão inaugura fornece saberes constituídos em acontecimentos marcados pela desterritorialização de discursos, que não cabem em uma realidade que vivencia uma ética/estética escavada a contrapelo na molecularidade das interações travadas no/com o lixo.

Sentindo na pele a presença do ambiente, João torna irreduzível sua experiência no lixão, modula estilos conspiradores com o contexto que ajuda a criar na labuta cotidiana. Das duras condições que a geografia do lixo proporciona, João fabrica as lições do aprendizado. O espaço que cria, no seu narrar, constitui as formas do dito. A sua narrativa é molhada pela forma com que contextualiza o seu dizer. De João vaza uma “arte de dizer” própria da singularidade de seu contexto.

Na articulação de suas práticas enunciativas, João co-produz o contexto da situação sofrida. Não é de “fora” que a voz de João significa seu discurso sobre o lixão, mas de “dentro” que tece as significações. Lugar da negação, desde o início do seu narrado, o lixão, paisagem de relações, demarca os “conteúdos” das relações fornecendo as tintas para a confecção do quadro de ditos de João.

Lá dentro do lixão, lá é cada um por si, no braço como diz o outro, o que tá caindo do caminhão (...) tão descarregando o pessoal tá disputando (...) Já deu duas mortes ali (...) por desavença e roubo e coisa (...) a disputa é um elemento de briga (...) lá pro cara tirá um pouquinho mais tem que se virá, tem que disputa o material com o pessoal, se não, não adianta, e quem leva vantagem é os novo, se atravessam na tua frente, te machucam, eles não pensam que podem machuca uma pessoa velha. Atravessa na frente e pronto, são o mesmo que cavalo, os que tão na frente eles atropelam, não tem um respeito ali dentro (...)

As relações deflagram a precariedade do habitat do lixão. O “lá é cada um por si”, ilustra o mosaico interacional que o lixão confecciona na labuta diária. A competição dos sujeitos em meio ao lixo é, para João, o elemento da briga. A concorrência pelo melhor material joga um contra o outro. A insalubridade do ambiente é agravada pela insalubridade das relações. O aprendizado que essa escola fornece produz os saberes necessários para sobrevivência.

Sobrevivência recheada de criações do/com o lixo, antropologia da situação produtora de realidade, potente e transgressora em sua barbarização relacional. O lixão faz fluir contornos híbridos de estar no mundo, estilizando produções selvagens de subjetividade cintiladas pelo contexto. Aqui (lixão), os discursos gordos de pretensa universalidade rivalizam com invenções capilares do ordinário. “Saúde”, “Educação”, “Ética” perdem seus espaços presunçosos de esticar todas as rugas no seu discurso liso, em suas “ex-plicações”.

Não há uma “Pedagogia” que possa ser aplicada, nem uma “Pedagogia” que possa ser extraída com seus princípios e sistematizações racionalizantes, o que há são micro-desejos que configuram um mosaico de jeitos de subjetivação que não cabem em programas educacionais, em bancos de escola, em fundamentos e estruturas educacionais sem, no mínimo, serem violentadores de singularidades. Se há “Pedagogia” do/no lixo está muito longe do sentido corriqueiro do conceito.

“Pedagogia” da vida, da forma-vida do lixo, enquanto auto-poesia fundada em uma ontologia existencial que atende uma experiência do viver em situação. Desta forma uma “Pedagogia do lixo” coaduna-se a um modo de viver, um estilo de vida desterritorializado de essencializações, contraposto a identidades castradoras, maneiristas e perspectivistas.

O ambiente, prenhe de significados, pouco a pouco vai circunstanciando as tramas negativas que o narrado tece. O lixão, lugar da narrativa, é também lugar desta “pedagogia”. “Pedagogia” traduzida na capacidade destes corpos de afetarem e serem afetados.

Táticas discursivas recheiam as perspectivas dadas pelo narrado. A valoração que intermedeia as palavras e as coisas, expressa nos seus ritos a dança fabuladora do contexto. As maneiras de dizer o lugar conduzem o aprendizado. Os jeitos da fala constituem a forma que as perspectivas vão tomando.

Perspectivas que introduzem formas de vida incômodas às utopias assépticas dominantes, por produzirem desvios civilizatórios no seio de uma sociedade

acostumada a tudo explicar segundo uma ideologia da homogeneização (higienização). Por que o lixo incomoda? Por que a existência do/no lixo provoca tanto? Por que uma “escola do lixo” arrepia a gorda “Pedagogia”?

Semiotizações sociais dominantes não estão acostumadas a lidar com o nomadismo de realidades de grupos e lugares distantes da “modernidade”, da sociedade do universal. Por isso, uma pedagogia da forma-vida no lixo constitui-se como um lócus rebelde, transgressor e desafiante ao poder-saber. A existência de pessoas que pedagogizam-se em meio a cata do lixão estimula olhares curiosos e desconfiados a uma “educação” que nega as diferenças e singularidades em prol de um discurso normatizador.

O lixão, espaço da poética, esteticiza os olhares segundo uma arte própria. Uma “arte do ordinário” profundamente ligada aos fazeres do cotidiano. A criatividade que a necessidade produz expressa os descontentamentos com o “lá” do lixão.

Se o cara não precisasse tá ali o cara não tava, mas é o meio do cara defende o pão de cada dia, não tem outra solução, se o cara que trabalha honestamente tem que se né? o cara tem que se virá de um lado pro outro, se o cara não arruma um serviço tem que procura na reciclagem, tem que i atrás dá onde tá o lixo, aonde vai o lixo o pessoal vai atrás, não tem dúvida (...)

Esse descontentamento, essa vontade de não estar “ali”, presente na fala de João, fornecem os estímulos para a criação de alternativas. Os desejos de superação da condição atual nascem recheados de sonhos contrários à dureza da existência no lixo.

A escola do lixo, no aprendizado de João, ensina práticas desviacionistas nutridas pelo desprazer experimentado hodiernamente. A negação da situação vivida experimenta saberes de rebeldia, construindo estratégias de fuga da precária condição de trabalho no lixão.

“Se o cara não arruma um serviço tem que procura na reciclagem (...)” - na urdidura dos nexos que o ritmo do narrado vai traçando, torna-se evidente a composição negativa no qual o contexto é pintado. A paisagem discursiva de João produz imagens pejorativas do horizonte vivido. A fala edifica, momento a momento, o sabor amargo que a vida no lixão produz. Estar “ali” significa, na intriga de João, o que restou para sobrevivência.

No entanto, a tipologia de relações que a existência no lixão deflagra inventa modos de operar socialmente que garantem uma forma-vida distinta, tornando surpreendente (pelo menos para mim) como a situação em que vivem acaba banalizada em seu cotidiano.

A vida continua mesmo em meio ao lixo, mesmo sob todas as restrições que eles próprios percebem da precariedade da forma-trabalho, correndo constantes riscos com a cata de todos os tipos de materiais que chegam misturados em sacolas plásticas apressadamente desmembradas na concorrência pelo material.

Jeitos de estar no mundo são constituídos no cotidiano dessas pessoas que se divertem no domingo com um “joguinho de bocha” no pátio da “venda”, na pinga que bebem lentamente sentados em cadeiras sobre o chão batido. Muitas vezes fui protagonista dessas ocasiões, relaxadamente, esquecendo objetivos ou metas, deixando fluir uma convivência que adquiri em meio àquelas pessoas que aprendi a gostar.

Quando falo da “escola do lixo” penso em saberes constituídos por esse grupo de homens e mulheres que vivem de um fazer circunstancializado por um estigma social, imprimindo neles (as) “identidades” outorgadas. Os famosos “excluídos”, os famigerados “pobres”, a “ralé”. Porém, essa “escola” vai além de uma política de identidades, vai além de um discurso da “inclusão”, produz os saberes da dissonância, inflama prescrições desarmando mandatários do poder. A rebeldia dessa “periferia” mapeia subjetivações mudas, produz aprendizados e lições no movimento do social que constantemente vê-se dobrado, torcido, rasgado e comprimido por criações epidêmicas.

Esse “zé povinho” escolariza-se no trato com o tempo de intervalo de um caminhão de lixo e outro, espera a hora certa de dar o bote nas sacolas que caem em meio as mãos de homens, mulheres e crianças. Manhas vão sendo construídas no fazer de cada dia, o sol que castiga o corpo aquece as vidas que mesmo sob a obscenidade da realidade do lixo sorriem sinceras, sinceras de seu riso.

É certo que o niilismo trava briga neste contexto, é certo que há negação na fala de João, também é certo que nem por isso a potência de existir acomoda-se na melancolia, na tristeza e desesperança. João também tem família, mulher, filhos e filhas, amigos e parentes. Joga bocha no domingo e toma sua pinga, fala sobre futebol, política, religião, faz piadas com os amigos, diz sobre o lixão. De todos os

ditos de João, na riqueza de sua existência os escritos perspectivaram os ditos do lixo mais do qualquer outro.

Pessoa comum, ambivalente, comporta as mais ordinárias capacidades, conforma-se e resiste. No gravador, ouve-se uma constante negação do contexto lixo, um não que se repete subliminarmente na polifonia de João. Não!, que exprime uma intensidade rebelde estimulada pelo papel que cumpro nesta região. Percebo que o tom com que faz falar seu contexto preocupa-se em denunciar, ali, naquele momento (para mim), uma força de sua singularidade, a vontade de ultrapassamento.

Pode-se dizer que há um aprendizado político aí, um ardil, uma malandragem no trato com o de “fora”, muito sabidamente. Se há um aprendizado, este encontra-se no jeito matreiro de existir com a dificuldade acordando ao lado a cada dia.

“Tem que ir atrás da onde tá o lixo (...)” - é a outorgada opção que a vida no social legou. Como em um enredo de escola de samba “aonde vai o lixo o pessoal vai atrás (...)”. Na “marchinha” da vida o “passista” do lixo canta com indignação os infortúnios do seu samba.

O jeito com que esse samba é cantado dá ritmo às melodias das novas canções. As frases grávidas de sentido exprimem o descrito com as manhas do contexto. A valoração dada ao ambiente lixo ilustra a inquietude com o lugar, o inconformismo com o narrado. O “samba” de João musica sua voz com ritmo próprio. Seus aprendizados dão o tom de sua música. A narrativa de João afina os sentidos do contexto cantado.

A presença de outros companheiros de “samba”, denuncia a violência das condições na “democracia etária” do lixo.

Olha, teve uma época em que era um pavor de criança, aí o conselho começo a dá em cima, mas não pega porque a gurizada não pára, mas agora tá lotado de novo (...) agora com essa parada do colégio, a criançada toma conta, esses dias eu tava contando de noite, só numa noite tinha mais de vinte criança, de madrugada (...)

A escola do lixo não tem restrição de idade. As disputas do lixo acontecem em meio a diferentes faixas etárias, o que aumenta ainda mais a indignação da fala. Da pungente condição do narrado não escapam nem os mais novos. A necessidade, que a vida no social produz, não isenta a infância da luta pela sobrevivência. Lado a

lado com os demais, a criançada co-produz a paisagem traçada pelos dizeres de João.

Transparece, no entrelaçamento de seu texto, o descontentamento. A fala de João, quando se refere ao vivido no lixão, demarca constantemente a revolta que sente. O aspecto negativo que a paisagem do lixo configura constitui o aprendizado do não que João experimenta.

O lixão, território da negação, produz os modos de inventar o cotidiano permutando saberes e “jeitos” que vão compondo o quadro objetual constituinte do social.

Esta forma de narrar a situação conduz a uma postura cultural, que no trato diário de suas experiências com objetos, símbolos, situações, saberes, cria os sentidos do não de João. A negação é o primeiro aprendizado de João na escola do lixo. Tudo que vem a seguir vem marcado pelo mau exemplo experimentado no lixão.

Um certo jeito de aprender, desempenhado nos ardis do dito, dá cor aos argumentos que compõem a teia da fala de João. Os percebidos do historiado vão seqüenciando o estilo que a narrativa vai tomando. Os diferentes graus de não que o movimento discursivo inaugura, estabelecem os campos semânticos em que o narrador desloca-se. Nas duras condições de trabalho, nos problemas de relacionamento em meio à disputa pelo melhor lixo, da presença de crianças em tal situação, são erigidos os “jeitos” de aprender na escola do lixo. Um ato de conhecer situado no contexto do lixão.

Ato de conhecer que é compartilhado por outros “companheiros de contexto”. Seu Paulo é um deles. Assim como João, também compõem a paisagem discursiva do lixão. Desde 1998 Paulo faz do lixão sua fonte de renda. Proveniente do campo, seu Paulo foi para cidade para trabalhar na construção civil. Com dificuldades econômicas para sobreviver na cidade, aceitou o convite de um amigo para trabalhar no lixão.

Aí eu fui, eu e o meu guri. Daí melhorou cem por cento, mais de cem por cento. Então eu continuei. Agora tô com (...) bom, eu assinei carteira em 98. Quanto tempo faz? 6 anos que tô dentro do lixão. E agora? E aquela vez tinha pouquinha gente lá, e vinha material pra nós. Depois começou entrar pessoal, entrar, e entrar. Agora têm quase 300 pessoas lá, e o material tá ficando escasseado.

Sem muitas opções de trabalho, Paulo viu no lixão uma alternativa para tocar a vida. O trabalho como catador proporcionou a seu Paulo um meio de sobrevivência. Porém, de 1998 até 2004, a “concorrência” dentro do lixão, com a chegada de mais e mais pessoas, fez com que “escasseasse” o material e, com isso, aumentassem as dificuldades para a sobrevivência. “O pessoal junta papelão, junta jornal, junta latinha, e agora, como escasseou demais o material, não tem. E aí apareceu essa “compração” de sucata de ferro. Porque só desse outro material não dá pra viver (...)”.

A precariedade da situação que a disputa do lixo cria leva à “cada qual por si e Deus por todos”. Este aprendizado “ético” compõe um jeito de ser na escola do lixo. É preciso saber competir para poder sobreviver em meio a essa circunstância. Paulo narra o aprendido com a propriedade de quem aprendeu fazendo. Como João, Paulo descreve, na sua fala, uma paisagem precária, na qual um ethos pedagógico ataca as narrativas com um mesmo sabor amargo.

Ah, isso vem bastante. Seguido tão lá filmando e debatendo, mas não adianta vem sempre, sempre, sempre. É difícil um caminhão que não venha com um ou dois sacos de lixo, cheio de aparelhos de injeção, essas mangueiras (...) tudo que é tipo de mangueira de lixo hospitalar. Tem uns que chegam a ter ânsia de vômito. É um troço brabo, brabo mesmo. Dizem que isso não é pra vim esses negócios, mas sempre vem.

Neste ponto, já denunciado anteriormente por João, seu Paulo deixa transparecer um descontentamento com o lugar. A violência do lugar e a dura condição de trabalho entristecem pela crueza do vivido. “Tem uns que chegam a ter ânsia de vômito. É um troço brabo, brabo mesmo” - o reforço que é dado pela repetição do adjetivo, molha os ditos de Paulo com a mesma negatividade em relação ao “ali” do lixão que nos foi dada pelo narrado de João.

É vidro, é ferro, tudo, tudo. Esses tubos de televisão. Isso aí é muito perigoso, agulha é perigoso, caco de vidro é perigoso, mas isso aí é um negócio muito pesado, às vezes o pessoal não tá se cuidando e aquilo vem rolando. Eu mesmo (...) isso aqui (...) é um talho que eu levei lá, ó! Não teve como escapar.

O aprendizado que Paulo e João compartilham no vivido e no narrado reflete-se no corpo de ambos. Quando seu Paulo mostra o “talho” que levou na perna, mostra mais que um ferimento, evidencia o lugar do aprendido na escola do lixo. A pungente condição da vida no lixão marca o aprendido nos olhos, na pele, no cheiro

e na voz. A pedagogia do lixo está encarnada na conduta dos narradores. O narrado e o jeito da narrativa compõem um único universo, múltiplo por excelência, a pedagogia do lixo. A forma como o contexto é produzido na narrativa estabelece os jeitos de narrar. A negatividade que molha os discursos delimita um certo jeito de aprender na escola do lixo. A percepção dos narradores entrelaça-se na negação, na mesma medida que a negação dá o tom do narrado.

É o corpo, como o lugar do aprendido, que nos fala sobre o emaranhado relacional. Está no corpo e no seu movimento o aprendido na escola do lixo.

Fecha de gente. Às vezes dá três rodas de gente entorno do caminhão. Encarrera. Tudo enfileiradinho assim. Se se organizassem como é pra ser, em fila mesmo, dá três filas. Nós chegamos porque sempre temos umas parcerias da gente que um dá uma folga, outro dá outra. E quando nós chegamos no lixão e eles não conseguem chegar nós também damos uma folga pra eles. A gente se aperta um pouco mas dá. Mas tem muitos que não dão, mas depois também não levam. O cara que não dá uma colher de chá, não leva também. Às vezes tem muita gente que não podem chegar no caminhão. Não chegam. Eles têm que ir pras outras cargas que já vão separando. Daí vão circulando por baixo, daí, o resto que fica, né!

A insalubridade dos inúmeros aspectos que formam o ambiente lixão conduz, aos poucos, a forma relacional em que os vínculos de sociabilidade se dão. Há, nestas inter-relações dos catadores, um aprendizado ético. Um “código” ético deflagrado pelo tipo de fazer que a “educação” no lixão provoca. Se agrupar em fila, se “encarrerar”, tecer alianças, criar estratégias, inventa formas de ser em meio ao lixo. Como um “lugar cultural”, o lixão territorializa pedagogias que, no narrar de João e Paulo, ganham sonoras inquietações.

A forma como é contado/descrito o cotidiano do fazer no lixão perspectiva uma mirada valorativa que não apenas descreve, mas posiciona os narradores. Posiciona um jeito de conhecer na escola do lixo que dá o tom da música, que embala o ritmo do narrado. As coordenações condutuais¹¹ configuram o espaço, dispondo os corpos segundo criações e aprendizados próprios. Da mesma forma, o narrado exprime um certo jeito de olhar que inaugura “pedagogias”.

“Pedagogias” embebidas pela negação, pela vontade de superação e de busca de alternativas que levam a pensar o espaço vivenciado como algo a ultrapassar, como algo a negar. Negação que é fruto da afirmação. Afirmação que

¹¹ Humberto Maturana.

leva a proposições, projetos e criações que conflitam com a realidade do dia-a-dia do lixão.

Na passagem da negação à afirmação, da denúncia e revolta com o espaço lixão à busca por alternativas, está o acontecimento galpão. O galpão, como veremos a seguir, insere-se como um catalisador, um atrator de subjetividades que inaugura fissuras no fluxo do viver em meio ao lixão. Arquitetura da esperança, projeta um salto, uma espécie de repuxo de vontades que surge da experiência negativa de João e Paulo no lixão.

O galpão como um sim, como uma vontade de ultrapassamento, funciona como um grito do inefável. A expressão do inexprimível que só pode nascer da tensão, da intensidade de uma explosão. Acontecimento ruptura, o galpão é o grito dos silenciados, é a forma que encontraram de pronunciar, de abrir rasgos no social.

O aprendizado do grito, do não de João e Paulo, não é produto do ressentimento, da reação. O não de João e Paulo se dá através da vontade poética de viver outras realidades, de constituir outros jeitos de ser/estar no mundo. O não de João e Paulo surge da afirmação do “sim”, da aposta que fazem em empreender novos contextos.

É uma vontade criativa que leva à recusa das relações catalisadas na geografia do lixo. Um sim poético que se defronta com o meio e, nesta relação de forças, cria a recusa, o não e os jeitos do narrado.

Este momento de passagem, de interstício, acalenta novos saberes produzindo trilhas novas que, nos entre-atos¹² do lugar, provoca subjetivações. É por aí que emerge uma pedagogia da situação, nos solavancos do social, nas convulsões que as experimentações vão produzir. A pedagogia do galpão nasce das frestas do cotidiano, da recusa do cotidiano ou da simples vontade de pensar para além do cotidiano.

O pensamento que brota desta “pedagogia”, destas afecções, localiza-se no meio, nas rachaduras do vivido, na imanência dos atos. Neste momento nômade, os saberes constituem-se em prisioneiros da passagem, como um taxista de uma grande cidade levado de um ponto a outro segundo os destinos daqueles que transporta.

¹² V. Woolf.

Esta gana por superar a si mesmo enquanto conjunto de formas de ser/estar no mundo evocado pela geografia do lixo leva, matreiramente, à busca por transcender o lugar na invenção cotidiana de estratégias de conduta.

No próprio depoimento dado, na interação que o falar sobre desencadeia na significação do lugar, manifesta-se a criatividade malandra de burlar as condições atuais. Uma vontade de potência respinga os discursos no teor da fala, dando estilos de enfoque que, na singularidade de cada um, aprofunda os jeitos de sentir, significar e criar o contexto vivido.

João e Paulo desenvolvem juntos uma trama discursiva ético/estética que, no transcorrer do narrado, cria a recusa. Recusa que de forma alguma é o motivo (motor) primeiro da vontade criadora. Buscar o devir na negação do contexto é o segundo passo. O primeiro passo é dado pela vontade de potência que cada um experimenta na poética da vida. O gosto pela transcendência do lugar lixão, dado pela recusa, se dá na vontade afirmadora de uma prática social que cria “pedagogia”. Prática social afirmativa e ativa que, na vontade de João e Paulo, ganha corpo na imaginação imanente de outras paisagens.

O espaço lixão transmuta-se em negação devido à vontade criadora de João e Paulo em vivenciarem outros territórios. Territórios catalisadores de outras dinâmicas corporais, de outros valores. Territórios que dão vazão a outros ethos pedagógicos, outros códigos éticos. Lugar de outras “pedagogias”. Lugar de outros vínculos de convivência, de outras sociabilidades. Nicho de relações novas e novas subjetividades. Terra de agenciamentos estéticos não imaginados nos arrabaldes do lixão. Lugar de uma nova música.

É disto que fala este primeiro ensaio, de um aprendizado criador encarnado na inquietação com o ambiente lixão. Da afirmação que gera a recusa. De uma vontade de potência negada pelas condições do lugar. Aprender a gritar, neste contexto é, acima de tudo, manifestar a revolta pelas condições de humanidade negada. O aprendizado do grito é ação cultural ativa de forças auto-poéticas. A escola do lixo ensina no grito de cada um os jeitos de desprezar a “situação-limite” lixão.

Cabe agora pensar os componentes que constituem/contribuem para produção deste grito que o galpão vai representar, as formas que esta negação vai tomando nas relações sociais. Como este momento da passagem – a “pedagogia do galpão” – se constituiu em alternativa fazendo com que o lixão se configurasse em

lugar da negação pelo narrado. Que agentes compartilham a produção de saberes fabricando a mudança?

É disto que fala o primeiro ensaio e nada mais.

“Amo os que sabem viver em declínio, pois são os que transpõem. Amo os que desprezam com intensidade, pois sabem viver intensamente.”

Nietzsche

INTERLÚDIO I – NIILISMO / VONTADE DE POTÊNCIA

Cabe agora uma “parada”. Na composição sinfônica que o ritmo do escrito foi tomando, serve a boa explicação, sorver em goles lentos o néctar semântico da dupla experiência: 1) A com-vivência em vontade comum com a comunidade de “catadores” do “corredor” e 2) a produção textual que os experimentos com narrativa legou na poesia do escrever sobre.

É importante dar lembrança que, o que se faz agora é “(...) fazer uma parada, como faz um andarilho, e deitar os olhos sobre a terra vasta e perigosa que meu espírito percorrera até então” (NIETZSCHE, 1998, p.26).

É preciso, neste momento, auto-interpelar-me sobre a musicalidade que o texto tomou. De que categorias, neste primeiro capítulo, me sirvo para dar trama às idéias expostas. Não será um texto “corrido” a falar sobre (problematizar), porém aforismos que “zombam” das certezas e convicções que de alguma forma “fogem” ao controle do autor.

Uma pausa é verdade, mas para quê? De antemão, esclareço que a ela não deve ser tributada a expectativa da “moral da história” do supracitado. Se a ela recorro (a pausa), é na distância que desfruto de sua poética inicial, percebê-la (ou perspectivá-la) de outros ângulos. Como um instrumentista que, no intervalo entre uma música e outra, aproveita para afinar o seu instrumento.



O Texto (1º capítulo) está embebido em um jeito narrativo (do depoente) e um jeito experimentativo (do autor) que “delimita”, na narrativa, uma forma “negativa” de contar o vivido.

Se o aspecto negativo é presença constante na valoração dada a narrativa durante todo o primeiro capítulo, cabe ressaltar de que forma é compreendida a “negação” nesse contexto. De qual negação falamos?

III

Segundo Gilles Deleuze, o papel de Nietzsche foi o de corrigir os erros de Kant, tentando salvar o projeto que Kant concebeu, ou seja, realizar uma crítica imanente, que é ao mesmo tempo total e positiva.

Kant teria falhado quando “descobriu” um mundo além do sensível. Uma filosofia transcendental. Essa criação Kantiana funcionaria como uma válvula de escape, limitando as forças críticas. Esta limitação daria uma parcialidade eterna à crítica, protegendo-a de um avanço destrutivo total, criando uma certa imunidade à verdade e à moralidade em si mesmo.

Nietzsche, ao contrário, empreende um movimento de crítica total. Em Nietzsche, o momento negativo e denunciador da crítica não pode conhecer limitações. “O momento negativo deve limpar o terreno para que o momento produtivo (para construir) para liberar ou criar novos poderes – a destruição abre caminho para a criação” (HARDT, 1996, p.65).

“Para se erigir um santuário, é preciso antes destruir um santuário” (NIETZSCHE, 1998, p.83). Desta forma Nietzsche constrói sua noção de negatividade, política de terra arrasada sem concessão a nenhum tipo de síntese.

Nietzsche pergunta-se sobre a criação dos valores, o valor dos valores. Problematiza a noção de “bem” e de “mal”. Busca, em sua genealogia desses valores, comprovar que, em algum momento, em algum lugar, eles simplesmente foram criados, sendo apenas “humanos, demasiado humanos”.

Nesta busca, Nietzsche põe em cheque o mundo supra-sensível, metafísico dos valores como verdade e moralidade. Julga constatar uma dupla história dos valores “bem” e “mal”. A “moral dos senhores” e a “moral dos escravos”.

Os escravos conceberiam primeiro a idéia de “mal”. Por serem ressentidos, fracos e vingativos contra seus exploradores, teriam formulado uma representação reativa de si mesmos e do mundo.

Portanto, Nietzsche conclui que, o fraco (escravo) só pode afirmar-se negando aquele que não pode igualar. “Negação e oposição essa é a lógica do ressentimento” (MARTON, 1996, p.53).

Os nobres, ao contrário, afirmam-se a partir de si mesmos, sem buscarem referências externas para construção identitária. “O forte, por sua vez, concebe espontaneamente o princípio bom a partir de si mesmo e só depois cria a idéia de ruim como uma “pálida imagem contraste” (MARTON, 1996, p.54).

Há uma diferença então, em Nietzsche, nessas noções de valor. Há um “bom” e um “mau” dos escravos e um “bom” e um “mau” dos senhores. Resultando daí que a moral dos escravos inverte os valores fazendo da criação, uma reação (MARTON, 1996, p.54).

A criatividade dos escravos aparece como uma inversão dos valores colocados pelos “fortes” e não propriamente uma criação.

Os homens ressentidos, para Nietzsche, tentam transformar sua fraqueza em força. Na inversão que operam transformam “sua impotência em bondade, a baixaza temerosa em humildade (...)” (MARTON, 1996, p.55).

Assim, a partir dessas provocações nietzscheanas, quando pensamos sobre a noção de negação que o primeiro capítulo veio tomando na via de mão dupla das: 1) narrativas dos depoentes e, 2) das experimentações do autor, de que negação falam sob estas perspectivas?

Ainda é cedo para ensaiar uma resposta mesmo que parcial, é preciso agora andarilhar mais um pouco sobre a noção de negação.

IV

A negação em Nietzsche aparece como um segundo momento. A recusa de forma alguma é em Nietzsche, o ponto mais profundo de seu pensamento. Não é, em outras palavras, sua motivação principal. “Nietzsche tem uma razão positiva para recusar” (SUFFRIN, 2003, p. 63).

A recusa (negação) é o momento de limpar o terreno para a afirmação ativa de forças criadoras.

É o momento do leão no decurso das três metamorfoses, para que logo a seguir a criança inovadora possa surgir como criadora e frutificadora de um novo mundo.

Quando Nietzsche evoca a dupla história da moral (escravos e senhores) faz de uma forma alegórica/histórica uma genealogia reveladora para mostrar como a moral dos “escravos” conseguiu se impor sobre a nossa cultura ocidental.

O dualismo, inventor de um mundo magnífico que se contrapõe com o mundo desprezível em que vivemos, demonstra essa vontade negadora de que nos fala Nietzsche. Vontade desprezadora que é profundamente niilista (do latim “NIHIL”: nada, zero) com relação à “este” mundo.

Para Nietzsche, o desprezo do mundo da “terra” encarnada na conduta dos homens representa a vitória do fraco sobre o forte. A moral dos ressentidos venceu. E a cultura ocidental atesta isso.

Compreendemos agora que Nietzsche não poderia partir de uma recusa, de uma negação e assim podemos escavar, um pouco mais profundamente ainda, à procura das raízes dessa filosofia. Essa recusa do dualismo moralista, na verdade, não é um axioma, um ponto de partida absoluto; tem sua razão profunda e repousa sobre uma vontade positiva. A vontade profunda de Nietzsche não podia ser uma vontade de negar, de destruir, de recusar. A vontade profunda de Nietzsche não é fundamentalmente crítica nem está tomada de nenhum ressentimento. Se prega “o grande desprezo” para com a nossa civilização e sua moral, é porque tem algo melhor a propor; não inventa outra para denegrir esta (querer negativo), mas, ao contrário, só secundariamente a denigre em sua veneração pela outra, que ele chama e anuncia (querer positivo). Para Nietzsche, é a vontade de afirmar, de dizer sim à vida, sim ao ser, é a vontade de criar e criar-se a si mesmo que dá valor às coisas e aos atos, e, evidentemente, é essa vontade que é a primeira (SUFFRIN, 1991, p.58).

O niilismo é entendido aqui como a negação radical de um mundo, que situado no contexto de vida dos catadores, exprime o desprezo pelas relações deflagradas no contexto lixão. O tom encontrado nas narrativas de João e Paulo configura multicomponencialmente uma rede de encadeamentos enunciativos contrapostos ao fazer social da geografia do lixo.

Chamo de niilismo este movimento destruidor, a crítica que fazem a este fazer social no contexto lixão, trazendo consigo uma vontade criativa de construção de outros mundos. O conceito de niilismo é pensado na imanência do fluxo social do fazer dos catadores, tendo, no jeito depreciativo que significam suas práticas sociais na “cata”, um exercício do conceito em situação.

Niilista é a forma com que se movimentam no espaço lixão, na potência da negação da realidade do lixão. Junto com M. Hardt posso dizer que o niilismo dos

catadores é o primeiro momento, é o momento destruidor, o momento da crítica total, o momento do grito para em seguida afirmar outras realidades possíveis.

V

Portanto, a noção de negação deste primeiro capítulo parte da afirmação criativa de transpor os limites de uma situação problema. A negação dos catadores, Paulo e João, exprime uma vontade criadora que se defronta com o contexto lixo. É nesta costura que surge a criatividade.

Em Nietzsche, a relação essencial de uma força com outra nunca é concebida como um elemento negativo na essência. Em sua relação com uma outra, a força que se faz obedecer não nega à outra aquilo que ela não é, ela afirma a sua própria diferença e se regozija com esta diferença. O negativo não está presente na essência como aquilo de que a força tira sua atividade, pelo contrário, ele resulta desta atividade, da existência de uma força ativa e da afirmação de sua diferença. O negativo é um produto da própria existência: A agressividade necessariamente ligada a uma existência ativa, a agressividade de uma afirmação. Quanto ao conceito negativo (isto é, a negação como conceito), “é apenas um pálido contraste, nascido tardiamente em comparação com o conceito fundamental, todo impregnado de vida e de paixão” (DELEUZE, 1976, p. 7).

Quando Nietzsche é convidado a ser o interlocutor principal do primeiro capítulo e interlúdio, foi intencionado realizar uma contraposição à noção Adorniana de dialética negativa.

Pois, é do conceito de negação que falamos todo tempo no texto, porém não de uma negação dialética. Não é da síntese Hegeliana e nem da noção Adorniana de dialética negativa. Pois, não é da recusa nem da resistência a motivação primeira de experimentações criativas destes catadores. Não se trata de uma ontologia baseada na formação do ser pelo não-ser. No entanto, não é objetivo destes aforismos focalizarem este contraponto, mas sim esclarecer a perspectiva teórica dada situando-a no debate filosófico.

Trata-se sim, de um devir que se afirma na vontade criativa de praticar a poesia, auto-poesia demonstrada na vontade de superação de “si-mesmo”, ultrapassar-se. Desprezo por “si-mesmo” que não é resolvido na síntese do confronto entre o afirmativo e o negativo, entre a ação e a reação, mas sim na

produção ativa de novos espaços relacionais, territórios de subjetivação por inaugurarem existências múltiplas e tresvaloradas.

É de superação de valores que falamos, de construção de realidade, de invenção do cotidiano. Um laboratório da vida, lugar de experimentações e perspectivas diversas, um mosaico interacional.

VI

Junto à noção/conceito nietzscheano de negação neste capítulo e interlúdio foi ensaiada uma tentativa de trabalho com outro conceito nietzscheano, “vontade de potência”.

Pois, se não é a recusa o motor gerador das forças poéticas, do que trata então?

De vontade de potência, entendida aqui como:

- 1 – Orientação, intenção profunda de um sair, de uma potência, o que esse ser ou essa potência quer.
- 2 – Superação de si mesmo, vontade de transcender, vontade da potência que quer mais potência (SUFFRIN, 2003, p.146).

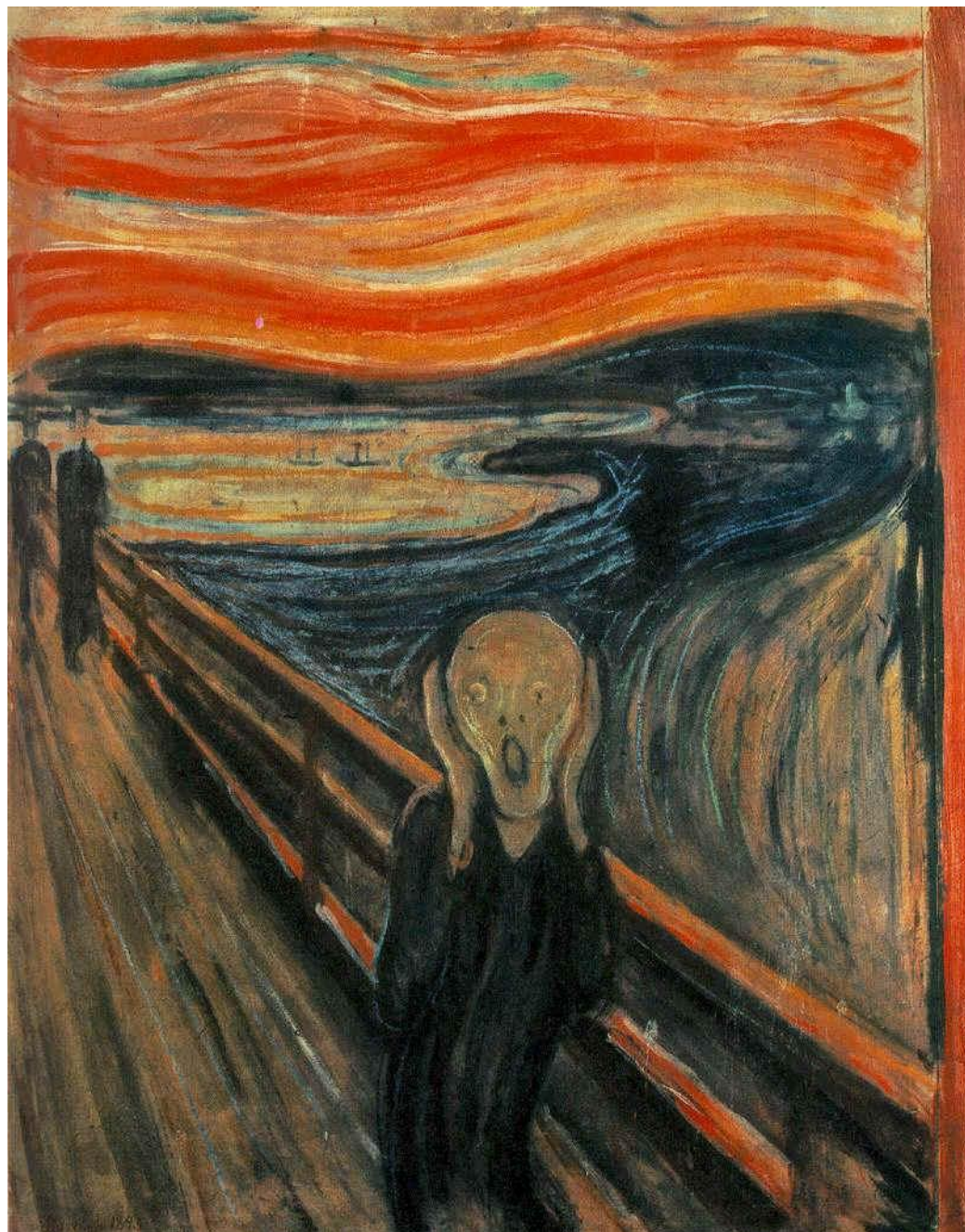
Esta vontade de vontade (Heidegger), esta busca de auto-superação pela vontade criadora, esta identificação do ser no devir significam a vontade de querer dos narradores do lixão dando liga a este conceito.

O super-homem, que diz “sim” a todo o real, não é aquele que assume, que aceita tal qual é, que carrega o peso do real; é aquele que age, impõe sua força ativa, domina e transforma o real. Ele realiza essa liberdade que é ação, força coagente e não reação, força coagida (SUFFRIN, 2003, p.114).

Desta ação cultural brota a inventividade do cotidiano que se transmuta em vontade de querer mais, de inquietação guerreira e enunciadora. A vontade de potência se faz corpo e movimento na imaginação poética da força coagente, cria “pedagogias”.

VII

Nihilismo e vontade de potência foram, neste primeiro capítulo e interlúdio, chaves de leitura da “realidade” do lixo. Pois, da intrínseca relação que possuem no pensamento nietzscheano emprestam sua cumplicidade para pensar o movimento de produção de saberes gerados na cartografia do lixo.



O GRITO - E. MUNCH.

CAPÍTULO II - PEDAGOGIA DO GALPÃO: O GRITO!

Sérgio: O exercício da fala, a meu ver, deveria preceder o uso do grito. É lógico que, após falar e não ser ouvido, o grito acaba sendo a única forma de mover e comover.

Paulo: Se o povo brasileiro, se as classes populares têm sido proibidas de falar, se a experiência histórica desse país é a do silêncio dessas classes, acho que é exatamente “gritando” que elas vão obter o direito de falar.

Gadotti: Não é preciso um primeiro estágio para tomar fôlego (...)

Paulo: Lógico que não, tem mais é que começar gritando mesmo. Aliás, o silêncio realmente tem sido imposto às classes populares, mas elas não têm ficado silenciosas. A história oficial é que destaca esse silêncio sob a forma de docilidade, mas os movimentos de rebeldia, que constituem a história escondida desse país, têm sido agora revelados por historiadores com sensibilidade em relação às massas populares. Insisto, assim, que é preciso aprender com o povo a gritar e introduzir essa forma de grito na educação sistemática. De qualquer forma, o ser humano sempre grita primeiro para depois falar. A gente nasce gritando.

Paulo Freire

Moacir Gadotti

Sergio Guimarães

Edward Munch (1863 – 1944), em uma litografia feita em 1895, intitulada “o grito” explora um jeito de fazer arte em que pretende mostrar como nossas emoções transformam nossas impressões sensoriais. “O grito” de Munch parece nos conduzir a esta experiência.

Todas as linhas parecem conduzir a um único foco da gravura – a cabeça gritante. É como se todo cenário participasse de toda angústia e excitação desse grito. O rosto da pessoa que grita está distorcido, de fato, como o de uma caricatura. Os olhos arregalados e as faces encovadas lembram a cabeça de um morto. Alguma coisa terrível deve ter acontecido, e a gravura é tanto mais inquietante, porque nunca saberemos o que esse grito significou (GOMBRICH, 1984, p.143).

Todas as linhas conduzem a um único foco. À forma do não, do niilismo experimentado. A filosofia do não que as cabeças gritantes miram conduzem as linhas ao foco central, ao cenário negativo que é constituído o teatrum-lixão. Todo cenário participa da angústia do narrado. A mirada valorativa gesta em seu seio um grito. Um grito de recusa que condiciona a percepção-narração do “real-lixão”.

Um grito inquietante recheado de significações. Dobras de sentido, fatias de significado que agem criativamente nos interstícios dos saberes. Grito-força catalisador de pequenas vontades potentes. Grito ecoante que se desdobra em

experiências múltiplas. Grito pedagogizante, pois altera percepções alterando “realidades”.

O grito transmuta-se em situação epistêmica à medida que inaugura uma forma de conhecer/ser territorializado com uma vontade estética de auto-poesia. O grito é o “local” da episteme de João e Paulo. É do grito que partem para a composição do contexto lixão. Como depoentes de suas experiências narram o que vivem com intensidade, posicionadamente, perspectivando seu linguajar.

Então, o grito, é uma pedagogia em situação, um auto-educar-se de múltiplas formas, adquiridas na andarilhagem experimentada na “pedagogia” do lixo. A aprendizagem do grito conduz as relações de forças travadas no cenário-lixão.

Do grito surgem iniciativas de ultrapassamento da situação–limite lixão. No aprendido de João e Paulo na escola do lixo, brotam dobraduras de aprendizagens, desdobramentos culturais que contagiam ações transformadoras do contexto que, aos poucos, vão impregnando a atmosfera local com alternativas.

Práticas sociais vão surgindo de outras práticas sociais e o aprendizado pedagogiza outros aprendizados. A recusa do ambiente relacional lixão, fruto da vontade afirmadora de outras ambiências, gesta práticas ressonantes desdobradas em complexas interações.

É neste contexto em ebulição que é criada a alternativa “galpão”, que nas palavras de Paulo, surge das primeiras reuniões com os líderes comunitários da região.

Nos reuniram, eles falaram com (...) começamos a dialogar (...) primeiro botaram as cabeças, primeiro era o Antônio e a Tânia, a Magali, a Terezinha e o Valdir (...) E aquele pessoal de toda a vila veio vindo aí. Aí começaram (...) fizeram uma reunião e começaram a dialogar. E ficaram os encarregados. Depois daquela vez que nós fomos a Porto Alegre, teve lá uma reunião (...) naquela época já tava (...) daí fizeram uma votação, daí escolheram os encarregados pra ir no local, né!

Surgem aqui, esboços de entendimento dessa passagem que o movimento galpão gerou, esta passagem que venho chamando de prática do grito. Paulo menciona os primeiros momentos, os primeiros contatos, os estertores do grito. Aqui, há a presença importante de forças externas aos catadores, a presença da liderança comunitária da região que intervém no contínuo do fazer social dos catadores em meio ao lixo.

Paulo não relata com detalhes estes primeiros contatos, faz alusão às primeiras tentativas de reunião em um tempo indeterminado por sua narrativa. Como co-autor destas experiências - junto a Paulo João e outros - cato lembranças misturadas com os pequenos relatos de Paulo.

Neste movimento de encontro de minhas impressões as dele vou costurando intensidades nossas, reatando olhares perdidos saboreados pela imaginação/lembança. Junto de Paulo componho imagens da primeira caminhada ao lixão, das primeiras experiências com a comunidade.

Fui desafiado a conhecer a “realidade” do lixão pela então educanda do Projeto Práxis Pré-vestibular Popular - líder comunitária da região – Maria. Por seus olhos entrei por lá, acolhido pela angústia de transformação que o povo já vinha experimentando. Somei-me, eu e meus companheiros de projeto, armados de sonhos e vontade de nossas esperanças inventadas com o lugar.

De lá fomos extraíndo vivências, cruzando olhares, acostumando-nos (nós e as pessoas da região) à mútua partilha, fazendo com que aos poucos fôssemos criando um espaço comum de com-vivência.

Deste espaço comum me vêm as lembranças do tempo, tempo de invenção de nós mesmos naquelas rodas de conversa que surgiam como reuniões ao ar livre, por baixo de árvores margeadas pelo horizonte de cerros verdes. Com saber de poesia perdida o comum que nos unia e re-unia ia talhando saberes na parcialidade da luta. Este inter-relacionamento proposto a partir do ocasional objetivo levava o desejo do desencontro, das múltiplas conversas transversais que ali brotavam do prazer de estarmos juntos.

O grito que nasce daí, vem como conseqüência do imprevisto, da troca de estímulos que a relação de agentes internos e externos provocou. Não tem uma causa única, nasce da polifonia de um descontentamento dos catadores com o fazer do lixão, dos empreendimentos da liderança comunitária sensibilizada com os catadores e suas necessidades, do encontro com grupos como o nosso (Projeto Práxis), sedentos por participar da poesia da caminhada.

Forças que co-atuam pelo objetivo galpão, filho desta inter-relação multicomponencial de perspectivas. O grito propaga-se pelas frestas dos encontros/desencontros que dão ressonância, apanhando minúsculas conspirações e desejos de superação.

A dispersão, a concorrência, a disputa, o desentendimento, as brigas, a insalubridade das relações do lixão vão cedendo lugar aos primeiros agrupamentos, as primeiras confabulações, a outra gramática. Uma gramática que inaugura novas situações, posturas, aprendizados. Reconhecimentos, criações e novas experiências principiam em novas “pedagogias”. E o pessoal começa chegar, aparecem outros nomes, outros vultos compõem o emaranhado textual da fala de Paulo. As pessoas se reconhecem em grupos dialogais que tecem em conjunto desejos comuns de auto-superação.

Outras geografias ganham espaço no narrado de Paulo, criam-se vínculos sociais em auto-organizações, segundo um misto de necessidade e acaso, alguns “encabeçam” funções, ganham tarefas, ocupam “cargos”. Outros se aventuram no cochicho, ora encantado, ora desencantado com os boatos de então.

João também narra do seu jeito o aprendizado do grito, o surgimento da “história do galpão”.

A história do galpão começa com a dona Maria que era (...) fez uma campanha e a gente foi pra Porto Alegre visita os galpões de lá, fomos lá, tivemos uma idéia, dali foram tirado a idéia de monta uma associação, e nós mesmos ia fazer um galpão sem ter ajuda do pessoal, aí começo o Orçamento Participativo de 2002 e fomo pra cima e foi umas das obras mais votadas do orçamento de 2002.

No narrado de João percebe-se a presença importante das alianças que os catadores vão tecendo com outras forças. Maria, uma das líderes comunitária, é convocada e convocadora da história do galpão.

As fabulações vão ocorrendo na construção do sentimento comum de burlar as circunstâncias, um jeito de ser/estar no mundo que o lixão estabelece. Outros e outras vão sendo chamados para engrossar o caldo de cultura comum que a cartografia de desejos diretriza.

“E aquele pessoal da vila veio vindo aí (...)” - como disse seu Paulo, efeito cascata que movimenta o social da região. Os primeiros objetivos foram sendo propostos, a visita a Porto Alegre, o banho de utopia que o efeito de uma experiência de sucesso (como os das comunidades de catadores da grande Porto Alegre), incentiva os olhares curiosos do povo do corredor a ousarem em seu contexto. Se eles conseguiram se organizar, por que não nós? O choque, o

confrontamento entre as realidades do trabalho de um galpão de triagem/reciclagem de lixo e o trabalho no lixão despertam sonhos, vontades potentes, desejos.

“Naquele entremeamento, todos, em cochicho ou silêncio, se entendiam, com fome de perguntidade” (GUIMARÃES ROSA, 1988, p. 30). O silêncio se torcia nos gostos da caminhada e as perguntas iam brotando igual sonho em viagem. No lento andar das coisas catava-se o chão com o olhar, inventando estratégias de saber nas amarras do processo. Dessas “perguntidades” nasceu o desejo da ida a Porto Alegre. Ida corrida na esperança de, no mutirão das vidas ir na alegria superando as dificuldades que ora vinham. Primeira das dificuldades: conseguir o dinheiro do aluguel do ônibus.

Aqui, enquanto narro por gosto pela história, vou contando para mim mesmo os trajetos daquela viagem começada no feliz. Com o desafio lançado, fervilhou entre nós, às margens do entendimento cúmplice, um tempo nosso da preparação, receita de sonhos que se sonha em conjunto. Daí coisas foram sendo pensadas com razão de todos nas rodas ou círculos de conversa. Na natureza do lugar como palco, os personagens vão desfilando e definhando possibilidades de construir/criar a empreitada: colocar na estrada de piche os inventores do Galpão.

As tendas que ora aparecem guardam léxicos do instante, acolhendo sempre alguém que no sonho trazia o despertar da vigília. Indo nesse ir-e-vir fomos, no tecido do social, peneirando possibilidades, restando por acaso ou por capricho, a alternativa de uma tenda nossa. Tenda de alimentos a ser colocada junto a um evento que em Santa Maria ocorria, evento do Partido dos Trabalhadores (PT).

Encontro de Juventude do Partido que reunia milhares de jovens sedentos por comida da boa, oportunidade nossa de guardar fundos para a tão sonhada e necessária viagem a Porto Alegre. Dois dias de trabalho intenso em chuva e sol forte bastou para o dobro do dinheiro precisado, surgir. Fazendo saudade nessas linhas, lembro da alegria de todo grupo com o sucesso momentâneo, sucesso nosso com cheiro de satisfação.

A viagem se desenhara nos destinos das vidas e nos bancos do nosso ônibus ia, à velocidade do onírico, um charme silencioso a perpassar alegrias íntimas de bom sucesso com tudo aquilo. Carregando no coração as ferramentas do (des) propósito galpão, a viagem de (re) conhecimento dos galpões de triagem/reciclagem de Porto Alegre aparecia no tempo este de “pedagogia”.

A visita, por toda ela, fundiu as esperanças. No singrar de cada olhar espelhava-se um desejo inquieto de aprender o como, o quando, o onde, de tudo aquilo que em cada comunidade e associação visitada se via, como tempo deles a nos instigar. Toda a visita, fora registrada pelo olhar clínico de um companheiro querido que, de filmadora em punho, catava imagens.

Imagens que, lentamente, grudavam na imaginação dos expectantes, absortos na possibilidade de levar histórias e saberes do lugar.

Com o conhecimento do galpão em funcionamento, em todo seu processo de transformação material, arrecada-se auto-estimas no tom da experimentação. De lá também vem história de gente parecida, vida levada no lixo, gente que aprendeu com situações semelhantes aos inventores do galpão. Com estas histórias, soa uma cantiga, cantiga que se canta junto deixando-se levar com ela.

A cantiga levada pelo vento, colada no corpo e na alma, trazida pelo coração. E, com a cantiga carrega-se uma energia pelo inédito. Um inédito aqui, realidade possível de subversão, inédito nosso a nos provocar. Na volta vem à promoção do inesperado, o comum que crescia em desejo de “pedagogia do galpão”.

Desta “pedagogia” nasce o método, circuito do chão. Com a viagem ruma-se por sistematizações da ora, outra que fora pelos destinos do acontecido. Por aí, é marcado o dia da “fita”, olhar o vídeo de nossa visita com todos e todas. O fim de semana surge no horizonte como a data da imagem, da reunião de olhares no registro do dia. É de fundamental importância para todos nós o dia que este dia se fez.

Foi desses de calor intenso do clima nas pessoas e das pessoas no clima. Nos preparativos desse dia já se percebia o calor do momento, o levantar poeira de uma caminhada que de mansinho enchia-se de gente. Desafios de acústica e de visão para arrumar o lugar da “sessão da tarde”.

Essa “sessão” se fez no improviso da casa emprestada, na área da frente, reunindo a gente interessada em se ver. Após a fita, foi feita a conversa das imagens, cotejo de realidade, galpão X lixo. É assim que, aos poucos, vai surgindo gosto pela coisa, e o não vai ganhando ressonância nos projetos que surgem do falatório.

As imagens mexeram com muita gente, mesmo quem não foi por razão ou outra, vibrou junto na conversa que as imagens foram trazendo. Impressões de

viagem foram sendo reveladas na partilha dos ditos e feitos. Deslizou por toda tarde um sonoro burburinho pronto de espanto, estranhamento e tensão.

São fatos inventados na esperança que produzo em versos de prosa, tentando, nas limitações que possuo, traduzir um pedacinho do que trago colado em mim. Eis que, por entre armadilhas rizomáticas, entrei nessas lembranças romanticamente. Talvez, um limite que possuo no narrar, ou que assim seja, o melhor dos mundos que (em mim) encontrei de atestar o acontecimento com intempestiva razão do momento que escrevo.

Porto Alegre confecciona novos horizontes, produz novos saberes, leva a fazeres sociais cheios de “pedagogia”. De Porto Alegre volta-se com a “idéia” de um galpão em funcionamento, de lá é extraído saberes e planos de implantação de algo similar em suas vidas. A viagem a Porto Alegre reforça o sentimento de transitoriedade, de processo, de transformação, de querer a mudança do cotidiano.

A “idéia” galpão desdobra-se nas formas de levar o projeto adiante, cria-se uma associação, uma organização dos catadores para arregimentar forças em prol do objetivo comum: construir o galpão do “corredor”. “Nós mesmos ia fazer o galpão” - produtores da alternativa a situação-limite lixo, criadores do seu destino, dobradores de sua realidade, ganham o status de fazedores do seu contexto, subjetivando-se nesse movimento.

O Galpão é obra nossa, do nosso fazer, do nosso poder-fazer em fluxo. Prática social alegre e criativa desdobra-se em aprendizados comuns ganhando extensão ilimitada, impensada, vai ao poder público. Participam da O.P. de 2002 do município de Santa Maria, e é a obra mais votada do orçamento deste ano em sua região e tema.

“E fomo pra cima” - a gramática do galpão compõe sintaxe nova, re-escreve, introduz novos sentidos na relação poder-público-comunidade. A dignidade do fazer dos catadores é dobrada sobre si mesma, percebem-se como dignos, cobram o poder público com convicção e união, entram nas arestas do sistema político de cabeça erguida.

Dobrando sobre si o “povo” do galpão, vai aprendendo coisas, conteudizando-se com novos saberes.

O pessoal fez curso tão tudo preparado para trabalhar, a maioria do pessoal do galpão fez curso de reciclagem, até evoluiu bem mais, começaram aproveitar melhor o material, o material que ia fora e ninguém dava importância, hoje o pessoal sabe conhece, e até tiveram mais teoria para trabalhar porque aprenderam a negociá também, tem muito atravessador que já não ganham mais ali, cara que pegaram que são daqui, esses já não vendem mais pro atravessador, já levam adiante e já ganham mais, em vez de vende a 1,80, já vende a 2,50 lá, o cobre queimado que vendia ali a dois pila o kg já vende a 3,50 lá, então tira, né?

O saber específico que a lida da cata produz com a separação e venda do material é aprofundada com a busca do aprendizado técnico dos cursos de reciclagem que a associação oferece.

“Começaram a aproveita melhor o material” - com os cursos, os catadores vão desempenhando melhor o seu fazer, otimizando suas tarefas diárias. O curso possibilita melhor aproveitamento da cata, a identificação dos materiais torna o lucro extraído maior. Junto à destreza na cata que o aprendizado dos cursos de reciclagem oferecem, o aprender a negociar contribui para o aumento do lucro.

O “atravessador”¹³ não leva mais vantagem na negociação do material. O desdobramento de saberes que a pedagogia do galpão fornece, evoca aprendizagens que ultrapassam situações corriqueiras na cartografia do lixo.

“Já levam a diante e já ganham mais” - transpõem uma relação viciada de compra e venda onde o poder-sobre do “atravessador” não consegue mais impedir o poder-fazer do catador. Ultrapassando os limites do lixão o movimento pedagógico desencadeado pela prática social do galpão, desenvolve processos e mecanismos de subjetivação que criam novas relações sociais.

Este novo mapeamento societal cria aprendizados que dobram sentidos e significados instaurados na confecção do espaço lixão, desdobrando camadas educativas em um novo contexto relacional promovedor de outras atualizações do real.

Os catadores pedagogizados pelo movimento do galpão “Já não vendem mais ali”, evidenciam o aprendido na conduta com o meio, há ai mecanismos de individuação de um ethos pedagógico que configura um mosaico diferente à pedagogia do lixo. A “pedagogia do galpão” é a resposta criativa à “pedagogia do lixo”, é a afirmação da vontade de potência do poder-fazer dos catadores organizados no querer-artista do galpão. “Origami” condutual, desdobra-se em

¹³ Caminhões de empresários de Santa Maria que negociam o material coletado no lixão direto com os catadores.

inúmeros aprendizados, cada qual enraizado em contágio mútuo de ressonância interacional.

O confronto de “pedagogias” apresenta-se na fala de João

Ali, a gente não tem aquela união, ali é cada um por si, mas dentro do galpão já tem aquela união, o pessoal trabalhando no galpão, já tão (...) é uma família, muda muito, até o comportamento das pessoas, só do cara convive dentro da associação, viajando, eu já viajei bastante, tive em Caxias em congresso dos catadores, tive em Porto Alegre, tive em São Paulo, tudo acompanhando, então o cara aprende muita coisa, tu vê a integração do pessoal da associação (...). O comportamento muda por conviver dentro de um galpão, muda por causa da união, que nem família, porque dentro do lixo não é que nem família, facilita um vai lá e passa a mão no material do outro (...) mas na associação não né? lá o trabalho é por partilha, vendeu tudo reparte, tira os gastos e as despesas e entre todos e aí funciona.

Acima, no narrado de João, encontra-se a queda de braço de “pedagogias”. A relação de forças desloca-se para o cultural na medida que o sentido da narrativa é dado no confronto de modos de existir. Modos que repartem jeitos de estar no mundo em sintaxes diferentes. A gramática do lixo é rebatida pela gramática do galpão. O deslocamento de sentido, descreve estilos de vida díspares: O galpão X O lixo.

João valora negativamente no mesmo instante em que afirma uma nova possibilidade de vida no galpão. É na minúcia, nos detalhes da fala de João que se encontra a riqueza dos aprendizados. O jeito que confronta as “realidades” das situações sociais dá o estilo do aprendido.

“(...) dentro do galpão já tem aquela união” - o galpão apresenta-se como promessa de outra vida, pois nos misgalinhos do cotidiano vão compondo-se pequenos pontos de fuga à dureza do trabalho em meio ao lixo. Vai se fazendo nesse movimento uma nova psicologia, enraizada nas relações sociais que a comunidade de catadores vai inventando. A própria comunidade se auto-percebe no movimento cultural que a ação coletiva inaugura no seu fazer diário.

Uma cultura em situação ganha corpo na experiência social da comunidade. Uma cultura em situação que se apresenta humanizada nos elos ativos que a nutrem. Daí, modos de existir vão desdobrando-se em miríades de possibilidades que inundam os saberes da região. A leitura da “realidade” vai perdendo a frieza do permanente, do irrevogável. O dia-a-dia vai se humanizando, tornando-se social, histórico, demasiado histórico. E nas brechas do instituído vai nascendo o poder constituinte da comunidade.

“(...) muda muito até o comportamento das pessoas (...)” - é evocado tanto o amanhã como o ontem em um hoje presente, intensamente presente na vontade de ultrapassamento das condições em que se vive. Uma vontade de potência que afirma-se nas micro-relações do cotidiano. Não é do amanhã ideal que a gramática da mudança surge, mas da imanência de uma situação que trava relações de forças nos interstícios do hoje.

De lá ecoa a mudança de comportamento, dos sentidos que as relações sociais vão tomando. O conflito de situações ganha mais espaço quando a alternativa transparece no narrado. São levadas às consciências duas “pedagogias” compostas por inúmeras outras “pedagogias”.

Fala-se de uma “pedagogia” do lixo que desdobra-se em milhares de pequenas dobras e redobras. Fala-se em uma “pedagogia” do galpão que desdobra-se em inúmeras outras dobras e redobras. Quando o comportamento é evocado por João, beija-se a superfície de um átomo cindido inimagináveis vezes. E a “pedagogia” se torna “pedagogias”. E o contexto torna-se inúmeros contextos. O que se reivindica é a complexidade que atos “simples” provocam molecularmente em uma ação social.

“Comportamento”, aqui, significa novos sabores, cheiros, amores, medos e alegrias que desdobram-se em redobras que criam novas e novas dobraduras na alma e no mundo. A viagem, o deslocamento em outros lugares, paisagens, pessoas, educa o olhar, reinventa a visão, cria a imagem. O corpo nomadiza-se, coloca-se em trânsito, joga-se sobre outros ermos, vai mais longe do que supunha, atravessa Estados, encontra outros e outras, aprende, auto-organiza-se “(...) que nem família (...)”.

E as experiências são compartilhadas, significadas, revigoradas em novas experiências. As concepções são desfeitas, refeitas, construídas, desconstruídas. Um turbilhão de coisas apresenta-se aos olhos. Trata-se de uma vontade moduladora, potência da partilha que leva a educação a uma substancialidade político-estética. Um querer-artista modulador do mundo que trava acordos ao mesmo tempo em que compõe acordos. Os discursos dão musicalidade a mecanismos subjetivadores que inauguram possibilidades de vida na criação artista das relações de força.

E os modos de existência são confrontados na complexidade genuína que cada um possui. O lixo e o galpão rivalizam mundos. Porém mundos que se

entrelaçam mutuamente na medida em que compartilham realidades mutantes. João e Paulo referem-se ao lixão referindo-se ao galpão e vice-versa, zigue-zagueando concepções entre as dobras de um e outro. Dobras que ligam-se, costumam-se em novas dobraduras, bordando novas experiências no social.

E o educativo ganha existência nas paisagens que os vínculos dialogais/existenciais vão criando ao significarem os experimentos em outros experimentos. E o “real” vai adquirindo o caráter de uma obra de arte inacabada, perpetuamente inacabada. O pedagógico esteticiza-se na potência que os estilos de vida vão dando curso. O pedagógico politiza-se nos acordos/desacordos que cada movimento realiza nas linhas do social.

Tanto o “pedagógico” do lixão quanto o “pedagógico” do galpão expressam-se circunstancialmente, vigorando suas mais profundas ligações no mundo da vida onde as perspectivas tomam rumo.

O pedagógico existe no fazer-social, na fluxão que as escolhas artísticas tomam. O aprendido torna-se experimentação, auto experimentação que endossa práticas sociais que tornam-se pedagogias. Um fluxo social do fazer que permuta sentidos no palco experimental de um cotidiano absolutamente imprevisível, rico em detalhes, louco.

Vários agenciamentos aparecem dando pertença a novos modais, novos vetores. A associação entra em cena enquanto novo vínculo com o mundo da vida. O comum ganha status novo, recria-se a visão do social, do político, do educativo. O estético perpassa a fala associativa através do querer-artista modulador. A necessidade do conflito de realidades politiza o discurso dando a tonalidade multivocal do associativo. No associativo muda-se o comportamento, vive-se de outras formas, reiventa-se a história.

Trata-se de uma crença? Uma humilde ignorância de uma esperança de paraíso terreno? Se o ideal prevalecesse sobre a experiência no social de João e Paulo, tal pergunta tivesse outra resposta. É de experimentações que falamos, do movimento que experimentaram conhecendo os objetivos em meio ao combate. É destas experimentações, deste confronto de realidades que vinculam suas vontades de potência. O querer-artista germina do chão fértil, do húmus vitalizante do contexto social da comunidade.

A experiência do comum produz a potencialização da mudança e a associação vitaliza a arregimentação de forças no deslocamento

político/estético/educativo. A ética em situação que os catadores experimentam impõe uma denúncia histórica das condições “pedagógicas” do lixão. A potência ética do galpão mobiliza o querer, dá ferramentas ao discurso criando mecanismos mais e mais complexos.

O galpão torna-se um fazer dotado de outra ética, pois promove novas “pedagogias” em curso. A denúncia da “pedagogia do lixo” é fruto do anúncio de outra ética, uma ética do galpão.

No galpão é um trabalho mais limpo, não te suja tanto, trabalha na mesa, trabalha de pé, é melhor pra própria saúde, financeiramente também. Tendo material aproveita melhor o material, o material é mais rico e o pessoal separa em casa e o lixo não se mistura, fica mais limpo, por mais que venha lixo separado ali, tem resto de comida, mistura tudo, molha né? A gente tem que ta secando pra pode vende, é um material mais inferior também, o material que sai do lixão, o material que vem separado de casa, já é material de primeira praticamente. É material limpo.

Além do comportamento se faz muita amizade, controla mais uma amizade dentro do galpão de reciclagem, é (...) o pessoal leva tudo numa boa, quando dá alguma coisa o cara dá um puxão de orelha (...)

No lixão vem gente de tudo que é lado entende (...) vem da Renascença, Doris (...) qualquer tipo de pessoa, às vezes tem alguma rixa antiga, qualquer coisa, quando não se droga com alguma coisa aí (...)

Já deu duas mortes ali por desavença e roubo, e coisa. A disputa é um elemento de briga, no galpão ninguém ta disputando, ali o cara ta trabalhando em conjunto e lá é uma disputa, lá pro cara tira um pouquinho mais tem que se virá (...)

Uma “microfísica”¹⁴ de desejos territorializa o espaço em que as relações de forças vão atuando. Ações são reivindicadas sobre outras ações, situações são confrontadas com outras situações, práticas sociais duelam com práticas sociais, pedagogias contrapõem pedagogias e processos de subjetivação despertam acontecimentos de acontecimentos.

Uma grande rede interativa vai sendo confeccionada no emaranhado enunciativo em que a fala mergulha e o galpão desdobra-se em um mosaico de imagens, pequenas pedrinhas que vão dando a multitonalidade do falado. E o lixão multiplica-se em polifônicas dobraduras imagéticas que costuram uma grande trama de fios.

O que antes surgia aos olhos com uma familiaridade quase cega dá lugar à estranheza, ao desacostume do olhar. O olho desacostuma-se com o cotidiano, questiona o que se repete em meio ao dia-a-dia do lixão. A estranheza impulsiona ao desacomodamento, a busca, à vontade de potência.

“(...) é melhor pra própria saúde (...)” - a vida vai ganhando novos horizontes, os andarilhos percorrem a pradaria com outras miradas, o mundo já não é mais o mesmo. O querer vai se querendo de outros jeitos, outros estilos. Quer-se “sadio”, se quer de outro modo, a vida vai ganhando outras possibilidades.

“(...) controla mais uma amizade dentro do galpão de reciclagem (...)” - o outro re-significa-se no processo de convivência. O desdobramento de uma arte do viver desencadeia processos interativos que desencadeiam ações de reconhecimento mútuo. E o reconhecimento dobra-se sobre si mesmo se reinventando no processo, o que torna o aprendido uma sensibilização com o contexto, um gosto pelo estético, um querer-artista.

Querer que modula, produz realidades em coordenadas consensuais de conduta que instauram intempestivamente novas relações, novas “pedagogias”.

Olha (...) plano eles criaram (...) como eu vou dizer (...) criaram o plano dessa padaria e teve esse plano de sair o posto de saúde. Porque o posto de saúde é pra sair aqui ó! Já ta aplainado. Ali do lado ó! Ali ta aplainado pra sai o posto de saúde. Tem um eito de material ali (...) tijolo (...) é pro posto de saúde. A área tá ganha. Os padre deram, só não deram pro galpão. Pro galpão não quiseram dar. De certo porque o galpão ia ficar muito perto da igreja. Pro posto saúde eles dão. Depois eles fizeram plano pra fazer lá perto do gentil, mas lá acharam muito longe do local. E aqui o Seu (...) ali (...) o Seu Antoninho dava o terreno pra fazer o galpão se quisesse, não (...) pro posto (...) pra sede da prefeitura. Mas não deu certo. No fim não teve local certo pro negócio da prefeitura. Não tem! Tão sem área ao certo ainda por que o pessoal queria no centro da vila. Lá em Santo Antônio tinha lugar, um terreno lá, mas muito recuado, era pra subprefeitura (...) e no fim tá assim (...)

E o grito ecoa. Novos projetos desenvolvem-se paralelos e interconstituíntes ao movimento do galpão. Um efeito radioativo, rizomaticamente auto-constituído na poesia da luta. O projeto da padaria, a luta pelo posto de saúde na região, um lugar para a sede da subprefeitura do distrito¹⁵, um terreno para o galpão.

Entendi. Cada um de nós esqueceu de seu mesmo, e estávamos transvivendo, sobrecrentes, disto: que era o verdadeiro viver? E era bom demais, bonito – o milmaravilhoso – a gente voava, num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso próprio falar. E como terminar? (GUIMARÃES ROSA, , 1988, p.46).

¹⁴ M. Foucault.

¹⁵ Distrito de Santo Antão localizado no Município de Santa Maria, RS.

São entendidos destas “perguntidades” que por ora surgem como lampejos na noite, transvivendo poesias remetidas ao irreverso das lembranças. São também por onde nos chegamos, com um pouco de saber, respingos daquele processo. Daí as linhas vão chegando na sobrecrença do verdadeiro viver? Não sei se do “verdadeiro” guardo muito, no entanto, sobrevêm cenas que nas linhas ganham aparição.

É por essas cenas que sendas são criadas, inventariando o “ontem” pelo “hoje”, no lusco-fusco do narrar. Destes atalhos de memória aporta o dia em que pude viver os respingos do movimento, com gosto pelo contar vou lentamente desembainhando a historieta.

Foi chegado o dia, em que da participação com as coisas do galpão, exigiu-se pelo furor do acontecimento, envolvimento em outras mais. Por aí, que novos caminhos se constituíram na participação, sendo com essa comunidade aos pedacinhos, engolido com suas questões.

A historieta fala do dia do Secretário¹⁶. O alvoroço da visita anunciada há mais de semana, botou fogo no comum que nos unia, sendo o motivo da querela, a exigência da sexta-série na escola local. A escola Intendente Manoel Ribas hoje de primeiro grau completo, naqueles dias de então, atendia somente até a quinta-série tendo os alunos que procurar outra escola quando desta série passavam.

Por aí se entende o transtorno, a escola mais próxima a esses alunos só seria encontrada a uma distância considerável, temendo os pais pelos filhos, do transporte a segurança. A visita do secretário, há que se dizer coisa inédita na região, legou compromisso de pertença em todos (as) que de forma ou outra lá perambulavam.

E, não foi de outro jeito, o transcorrido daquele dia: salão comunitário cheio. Gozações de toda parte, “sol de chamuscar o lombo”, “calor de espantar cusco”, mas, ainda sim, muitos presentes. Presentes e atuantes com perguntas em punho, agarrados em questões, que de fato, diziam: falarei ao senhor secretário...

Eis que o previsto acontece. O carro que aponta na alameda traz na porta os escritos da prefeitura, é um mexe-mexe geral. A mesa é ajeitada em clima de auditório, pessoas em pé sentam, ansiosas, língua solta. O secretário meio sem-jeito cumprimenta os presentes, visível espantamento com o número de pessoas. Em minutos o silêncio torce as vontades, e o secretário abre o parlatório. Começa em

¹⁶ Secretário da Educação do Município de Santa Maria empossado junto à administração da Frente Popular no ano de 2002.

tom de diálogo, jocoso para o monólogo que estabelece por mais de meia hora. De antemão diz do possível e do impossível da secretaria, descartando claramente as condições da sexta série na escola.

Contraditoriamente afirma ter vindo para ouvir, o que desperta aos poucos, a ira de alguns, por aí que, quando interrompe a sua fala, o povo inquieto bombardeia-o com suas “perguntidades”. Nesse momento, lembro com ardor, o complexo daquela “pedagogia do galpão”. Pois, quem nem filho na escola tinha, como certos catadores que lá apareceram, levantaram a bandeira da sexta-série ser inventada.

Desta vez, o final por lá foi feliz. O secretário e sua comitiva impressionados com a organização e cumplicidade das palavras proferidas, juntaram razão com o povo para buscar alternativa, foi daí que em poucas semanas veio a notícia: A sexta-série estava garantida.

Esse fato, que narro por veredas, traz a conseqüência criada de no ano próximo - ter sido eu - um dos educadores da sexta série por cerca de meio ano. “Tapa-furo” como se diz. Fui educador da disciplina de História da meninada da região. Nestes despropósitos que o galpão foi criando em seus desdobramentos, percebe-se a contaminação de todos e todas nas brechas de suas realizações.

Destas brechas, com pouco de surpresa, vão germinando manhosamente fotografias na memória. Dos retratos do instante surge a necessidade de narrar algumas torções de sentido, operadas no fazer amigo de uma relação que ia num crescendo constante. De um dia de festa chega a lembrança misturada pelos ditos de João. Lembrança boa, de espanto com a ocasião. Lembrança de uma correção muito bem-vinda.

A correção deu-se em contexto de espera, nos idos de uma eleição para associação comunitária. Por volta daqueles dias, surgiu a fagulha de significado, que dá vazão às linhas que ora escrevo em tom de descrição. Com João em diálogo, pensávamos sobre o que nos envolvia pulando de assunto em assunto no ritmo trôpego da fabulação. De modo que, pensando com ele as coisas da comunidade, fui sem perceber, falando dela (comunidade) de forma externa. Foi daí que veio o que chamo aqui de correção. João de fala mansa me alertou: tu, como a gente, já pertence à comunidade.

Esta quase denúncia de pertença àquela comunidade, fez do momento aprendido imediato por reflexão. Pois, com a geografia abalada por aquela denúncia, padeci de certa bobeira por até tão breve tempo, ter por comunidade a

simples sobreposição da morada próxima, importante é verdade, mas não única a prestar lealdade a definição do conceito em questão.

Foi como um abalo súbito, mexendo com a morada. Senti o que estava a acontecer como um giro de sentido. O que de João brotava era o comum, construído nas andanças nossas, que de lento galopar, vagarosa ia travando luta com velhas razões. João, talvez num não-saber, foi criando rasgos no meu entender, sendo que, na noção de comunidade que trazia, contornos novos surgiam.

A “pedagogia do galpão” infiltrava sentidos novos a velhas questões, o comum que nos unia, re-fazia conceitos ao gosto da situação. João (como eu) dedilhava saberes pululantes, evocados por uma diáfana sensação de cumplicidade a nos entornar em uma rede do possível. Seja aqui uma mera especulação, o que de fato podemos até pretender que seja, ocorre-me que certo eco vinha à tona. Eco de uma “pedagogia” silenciosa se desenvolvia nos jardins da memória com venturosa potência. A “comunidade” de João compreendia o comum do galpão.

Rivalizam-se prioridades, criticam-se atitudes institucionais, do silêncio produz-se estertores, rumores que mexem nos processos discursivos, subjetivando modos de interpelação, de auto-questionamento. O acontecimento galpão mistura-se com outros acontecimentos da região potencializando aprendizados que dobram saberes produzindo novos conhecimentos sobre a vida no social.

Toda uma auto-poesia vai se contornando nos fazeres sociais que a luta da comunidade expressa. Um fluxo social do fazer que nutre práticas sociais potencializadoras de “pedagogias”. “Pedagogias do galpão” irreverentes ao próprio galpão, pois ultrapassa seus “limites” ousando outras vontades constituintes.

“Catador ele é um agente ambiental, o catador é um agente ambiental ele tá limpando, ta (...) as grandes sujeiras da cidade tão limpando, não tem ninguém que incentivasse a trabalhá (...)” - O processo galpão na voz de João amplifica o fazer no momento que os acordos/acordes substancializam uma prática social torneada por saberes do processo.

“Catador ele é um agente ambiental” - é o próprio grito que ressoa, afirma e dá sentido ao fazer reconhecendo-se enquanto agente que ambientaliza o social com um fazer que limpa a sujeira produzida na cidade.

O luxo que produz lixo gera o fazer de João, agente de processos de suma importância social ecologizando um auto-conhecimento sobre si e sobre o mundo. O ambiente constitui-se no fazer do agente que no fluxo do seu fazer reinventa-se nos

novos sentidos que atribui a sua prática social. Todo um processo educativo desencadeia-se nas malhas desse fluxo social e o “agente” agencia-se em processos pedagogizantes que ele próprio ambientaliza.

O querer-artista, menino, esteticiza o social, “fazendo arte” com a pedagogia.

INTERLÚDIO II – DOBRA/QUERER-ARTISTA.

I

No capítulo dois foram recriados, em contexto, dois conceitos que em meio a inúmeros outros utilizados, ganham especial atenção por, de certa forma, situarem a problematização das falas nas potencialidades de uso de ambos.

Permeia a problematização das falas os conceitos: “Dobra” e “Querer-artista”. Ambos interligados por nexos causais que tentam fazer experiências com o tecer narrativo que a problematização do fazer social dos catadores foi tomando. Em curso, a poética da escrita vai traçando acordes com as experiências do viver e as miudezas ganham sentido, as insignificâncias tornam-se grandezas do ínfimo e ficam sendo.

II

Dobra: G. Deleuze comentando obra de M. Foucault em sua totalidade, salienta a singularidade de Foucault em transformar profundamente tudo aquilo em que tocava. Nos interessa neste aforismo começar a debater sobre a forma com que Foucault prolonga a noção de “relações de força” de F. Nietzsche.

Sob esta perspectiva, Foucault, segundo Deleuze, teria feito uso da noção nietzscheana de “relação de força” descobrindo em Nietzsche um mecanismo de subjetivação “(...) quando Foucault chega ao tomo final da “subjetivação”, esta consiste essencialmente na invenção de possibilidades de vida, como diz Nietzsche, na constituição de verdadeiros estilos de vida: Dessa vez, um vitalismo sobre fundo estético”(DELEUZE, 1990, p.144).

Estes mecanismos de subjetivação estariam interligados com uma vontade criadora que deslocaria a relação das forças, sobre certas forças da vontade contra outras vontades, para uma “relação consigo”.

No sentido do processo de “si”, no sentido de relação (relação a si). E do que se trata? Trata-se de uma relação de força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de uma “dobra” da força. Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, a novas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte (DELEUZE, 1990, p.116).

Desta forma, a noção de dobra surge do comentário de Deleuze enquanto potência da vida que esteticiza o social. Potência que age sobre si mesma, produzindo uma relação de auto-poesia, auto-criação de si mesmo que age como fabricante de novos jeitos de ser/estar no mundo em contínua metamorfose.

Um dobra de força que processa subjetivações auto-criadoras pelos próprios agentes na produção de outros estilos de vida “(...) Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de recriar e surgem novos” (DELEUZE, 1990, p.116).

Um fluxo contínuo de possibilidades de desdobramento de novas “dobras” e “redobras”.

III

A operação artista da vontade de potência em Nietzsche nos traz à reflexão a noção de dobra enquanto conceito fundamental para entender o processo pedagógico dos catadores, pois a “duplicação” das relações de força no contexto lixão produz “dobraduras”, uma arte de si, que potencializa “educações” sobre “educações” fluindo na prática social do lixão.

E assim o conceito vem sendo fabricado em um misto de ficção-realidade sem fronteiras estabelecidas, na potência estética de uma obra de arte.

A dobra configura-se como princípio pedagógico na medida em que surge enquanto “técnica de si”, uma arte de si mesmo em modulações permanentes.

Dobras e redobras tornam-se sinônimo de processos pedagógicos que surgem de outros processos pedagógicos. As práticas pedagógicas ecoam, desdobrando-se em milhares de experiências no social. “Dobras e desdobras, é isto, sobretudo o que Foucault descobre em seus últimos livros como sendo a operação própria a uma arte de viver (subjetivação)” (DELEUZE, 1990, p.138).

Esta “arte de viver” enquanto processo subjetivador pode ser pensada como fator pedagógico na medida em que segundo Guattari subjetividade é entendida aqui como: “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 2000, p.19).

Assim, a invenção de modos de existência na operação plástica do viver me força a pensar o acontecimento “galpão” como um fator pedagógico por constituir um agenciamento existencial, produzindo interações sociais e semiológicas auto-referenciadas no fazer social dos catadores.

Como princípio pedagógico, o acontecimento “galpão” catalisa uma nova cartografia recheada pela complexidade de interações que a criação do novo espaço relacional institui.

Uma prática social que pedagogiza os envolvidos criando um território existencial potencializador de novas dobras (subjetivações).

IV

O processo educativo da pedagogia do Galpão não pode ser entendido como ato “externo” de aprendizados que se constituem na relação de forças que os catadores travam com o mundo, com outras forças. É do processo de re-criação, da força/dobra que exercem sobre si, na arte de pedagogizar-se mutuamente na invenção de possibilidades de vida, de ser/estar no mundo, a dobra é o conjunto de práticas pedagógicas que surgem de outras práticas pedagógicas em permanente desdobramento de práticas sociais.

Dobraduras são os sentidos constituídos pela comunidade na invenção de modos de existência no fluxo social de fazeres que coordenam ação sobre ação. “Por conseguinte, não basta que a força se exerça sobre outras forças, ou sofra o efeito de outras forças, também é preciso que ela exerça sobre si mesma” (DELEUZE, 1990, p.140).

E esse “exercer-se sobre si mesma” produz o aprendizado de João e Paulo. Uma pedagogia do fazer na produção do comum. Um comum que é polinizado por infinitas dobraduras de sentido.

V

Traços pedagógicos compõem a rede de significados que as pedagogias dão tonalidade curvando e recurvando estilos de existir potentes. Dobra sobre dobra, dobra conforme dobra, fazem acordos/acordes com as práticas pedagógicas auto-poéticas dos catadores.

A própria lida com a reciclagem estabelece uma experiência com a “dobra”, o trabalho com o papel, a forma com que a lida do catador se constitui enquanto prática social que, no seu fazer, inaugura redobras no social, reciclando materiais, dobrando e redobrando a matéria inventando desdobramentos do seu fazer. A atividade no lixão, o fazer do catador, é ela mesma uma experiência da “dobra”.

VI

Segundo G. Deleuze (1990), a invenção de novos modos de existência não é de modo algum uma espécie de retorno ao sujeito. Não se trata de uma retomada do ser, mas da criação de novas possibilidades de vida que nada tem a ver com o sujeito. Trata-se de um querer-artista, uma espécie de obra de arte, onde o pedagógico (aqui entendido como processo de re-invenção de si-mesmo) permanece em constante metamorfose. Esse processo subjetivador é a forma como a força se afeta ou se “dobra”.

Na pedagogia do galpão esses aprendizados ganham visibilidades nas situações relatadas, nas interações que o narrado expõe. Desta forma, o aprendido ganha sentido na criatividade, na invenção de jeitos de ser/estar no mundo que dobra maneiras de existir produzindo saberes nas condutas inventadas.

Em vontade artista de auto-produção de si mesmo, o pedagógico transparece nos processos que os narradores vivenciam na estética do social. A paisagem vai sendo composta no fazer relatado pelos catadores que “reciclam” coisas reciclando-se neste processo. Toda uma operação artista vai se dando nos novos modais que o movimento do galpão dá curso.

O essencial é que o aprendizado do galpão é o processo contínuo de aprendizagens que não pára de se recriar, criação constante de experiências no social. Uma vontade de potência que se dobra sobre si mesma em um misto de exterior/interior inaugurando criações permanentes.

“Se existe sujeito, é um sujeito sem identidade. A subjetivação como processo é uma individuação, pessoal ou coletiva, de um ou de vários” (DELEUZE, 1990, p.143). O aprendizado se dá no fluxo do fazer, na relação travada no espaço, onde o tempo se torna a memória do fazer, processo pedagógico criado a partir de um conjunto de intensidades que desloca o pedagógico para a memória do fazer. O educativo radicaliza-se na experimentação, no laboratório do fazer em curso. O educativo torna-se, neste contexto, uma experimentação constante no fluxo social do fazer.

Dobra conforme dobra operam uma produção constante de maneiras de existir em um fazer artístico que “cata” estilos de vida na práxis do viver dos catadores no movimento do galpão.

CAPÍTULO III – TECENDO MANHÃS: DO ROUBO À PRÁTICA DO GRITO.

Conta Eduardo Galeano, o grande escritor uruguaio, que Rafael Guilén, antes de tornar-se Marcos, veio a Chiapas e falou aos indígenas, mas eles não o entenderam: “Então meteu-se na névoa, aprendeu a escutar e foi capaz de falar”. A mesma névoa que impede de ver é também a janela aberta para o mundo do outro, o mundo do índio, o mundo do “persa” (...) Olhemos o silêncio, aprendamos a ouvir, talvez depois, finalmente, sejamos capazes de compreender.

José Saramago

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito.

C. Lispector

Fui surpreendido no final de agosto de 2004 por uma notícia veiculada no mundo inteiro, havia sido roubado, de um museu europeu o famoso quadro de E. Munch intitulado “O Grito”. O “Grito” havia sido roubado.

Com muita ironia, o quadro que banha as linhas desta proposta dissertativa, que serve como metáfora viva das escolhas epistêmicas adotadas, trouxe-me mais uma imagem poética, a imagem do roubo do grito.

De que outra coisa trata esta dissertação senão do roubo do grito! Do emudecimento, do silenciamento, do calar dos corpos. Os jeitos que as vozes foram tomando visibilidades através da luta constante pelo retorno a voz, a prática do grito! João e Paulo ensejam aprendizados do acontecimento, protocolando processos experimentativos que vão dando curso a visibilidades gritantes recheadas por um desejo de captura do ruído.

Este terceiro capítulo deseja dar ênfase à prática narrativa que foi motivo de toda proposta experimentadora com o processo-acontecimento galpão. O método de escuta, que permitiu o gravador executar a mecânica do registro das vozes, intensifica o jeito de recorrer as situações de “memória gravada”, porém torna-se impotente quando a voz flui pelo corpo sem ruído, sem verbo, em linguagem outra travada com os afetos do lugar, com a brisa suave das varandas, o olhar da meninada e o colorido da imaginação.

Desta condição de narrativa que expõe a linguagem ao desvario assistemático do inumano, colocando as diversas forças em movimento constante de práticas temporais, vou mover este capítulo como um platô, uma geografia de sentidos que brotam da invenção real dada pelo encontro/desencontro de olhares, odores e sabores do real/imaginário de minhas turvas impressões, sonhos e desejos com aquilo que aconteceu, acontece e acontecerá em coexistências possíveis de tempos e lugares da narrativa.

Saramago, parafraseando Galeano, que por sua vez fala de Rafael, que deixou de ser Rafael para se tornar Marcos, nos traduz um método de exercício de sensibilidade, de experimentação de si (na esteira de Nietzsche): a necessidade de aprendermos a escutar. Para isso, diz o texto forjado a muitas mãos: é preciso meter-se na névoa e ouvir.

Os cruzamentos que a escuta de Paulo e João me legaram nos incestos de seus movimentos com os livros, e as incertezas de minhas criações pessoais vazadas por vetores que desconheço, permitem modular este momento como o momento de um exercício todo nosso (meu, de Paulo e João), de escuta de nossos acontecimentos, de nossos devires-lixão, devires-galpão, devires-narração.

A escuta poética, a sua perseguição pelo menos, tornou o contar sobre as experiências galpão, experiências lixão, e a própria experiência narração, uma produção de si. As entradas de memória que o falar sobre enseja, trazem consigo tentativas de retomada da caminhada que permitem a mistura, pela narração, de imaginação e realidade, fazendo coexistir tempos inventados pelo próprio ato de narrar o acontecimento. A narrativa do acontecimento torna-se sua escuta, sua poesia. A narrativa do acontecimento captura experimentações de outra ordem, tenta colocar-se, segundo Deleuze e Pelbart, a altura daquilo que nos acontece e não traí-lo.

Então como, ao escrever, colocar-se à altura do que aconteceu, ser digno do acontecimento, não traí-lo? Para além do deleite que pôde propiciar, ou da comoção que produziu e que há de ser prolongar, um tal acontecimento nos força a repensar nosso Atlas antropológico, obriga-nos a redesenhar nossa geografia mental e certas fronteiras entre saúde e doença, entre a potência e a impotência, a vitalidade e o sofrimento, a arte e a inadequação, como dizia o texto de uma das atrizes, ou reproblematicar as relações entre as linguagens menores e as maiores, ou as dissonâncias vividas e a pesquisa estética, as derivas e as identidades, mesmo profissionais (PELBART, 2000, p.104).

O acontecimento na produção de suas pedagogias (aqui, muito distante da “gorda Pedagogia” sistematizadora e estruturante), produz suas narrativas em poesia constante de desejos. E estes desejos constituem aprendizados-saberes com a marca dos experimentos sociais vividos.

Experimentadores de si são todos os que compõem a fadada pedagogia do galpão. Cartografia de subjetividades que formam e deformam uma política subjetiva singular. Singular em aprendizagens, singular em cotidianidades, singular em possibilidades, e o mais importante, singular em suas olhadelas.

Com o gravador como pressuposto para a composição dos dois primeiros capítulos desta proposta dissertativa foi delineada a experiência daquelas linhas. Neste capítulo, o gravador torna-se uma ferramenta em parte obsoleta, incapaz de captar a “atmosfera” da situação em que foi dito, em que a voz da infâmia teve eco e que, o não dito, o não falado ganha importância capital.

Diferente das duas primeiras situações narrativas, a palavra gravada dá lugar à outra escuta, uma escuta do corpo, uma escuta do ambiente, dos ruídos silenciosos que os acontecimentos deixam vazar por movimentos sensoriais que sensibilizam razões, compõem interações, realizam saberes, conflitam poderes e comunicam invenções.

Neste topos, o que foi dito expressa mais o que deixou de dizer, a comunicação surda que se faz ouvir pela disposição das mãos, pelas piscadelas nervosas, nas hesitações da boca, no corpo marcado pelo sol ardente, no suor do rosto. Um linguajar do corpo que intensifica saberes compondo desejos mapeados por movimentos de superfície, geografia de relações singulares composta pela prática do grito.

Não é uma zona de compromissos lógicos que se apresenta às consciências com as sistematicidades de uma pretensa casa de saberes, um lugar privilegiado onde o conhecimento é “construído”. Um devir que pedagogiza, porque dobra o fora marcando o tempo sobre um espaço que cria hábitos situados em contextos de práticas.

A condição “catador” não garante uma identidade quixotesca nem uma política da verdade sobre a ética binária de um discurso intelectual de cunho salvacionista. O “catador”, enquanto relação, não faz de Paulo e João melhores e nem piores do que qualquer um, os faz singulares atores de uma linguagem que os acontece, dobrando suas vidas com sentidos amorais.

Nisso, a prática do grito nem denúncia nem anuncia, mas acontece, processando subjetivações que gestam estilos de vida e jeitos de estar no mundo presentificados com situações, contextos e paisagens.

Por isso, aqui, os dentes, que subitamente aparecem na boca silenciada de João, que durante anos permaneceu vazia, são um sinal do aprendido no corpo, assim como nas lições que o falado exprime. Quando nos sentamos no chão batido na entrada da casa sem cor onde a criançada levanta poeira com suas brincadeiras, os dentes me surpreendiam. O gravador interessado nos ruídos das palavras registrava os ditos, eu me registrava na imagem. Nossa conversa sobre as coisas do lixo, as coisas do galpão ganhavam cor no presente daquele encontro que perguntava pelas “ocorrências” da região.

João, naquele momento, constituía com saberes da vida legada na infância “aparecimento” no meu gravador, objeto muitas vezes incômodo, descontextualizado e sem importância útil. Enquanto descrevia o lixão, contava o galpão, pensava eu em formas de induzir João a dizer situações vivenciadas em comum, que nas minhas memórias pudessem desembainhar historietas cheias de sentido para o momento da narrativa.

Visível para mim foi seu comunicado ora encantado ora desencantado com os processos do “lixão” e os processos do “galpão”. O mais espantoso era o deslizamento indiferente com os sentidos que a mim parecia claro e que, em Seu João, ganhavam outras cores.

Este jeito de falar com o lugar dá boas rasteiras às tentativas julgadoras que possuo entranhadas no jeito que escrevo, chamando atenção para pontos de fuga a interpretações racionalizadoras e moralistas. João, matreiro, vai me agradando muitas vezes ao ler em minhas expectativas mudas o que desejo ouvir, falando estrategicamente e mostrando o que quero ver.

Em um dos encontros que realizamos em frente ao bar da Dona Joana, vizinha de rua de seu João, pude perceber o “lugar falando”. No bar de parede sem reboco penetrado pela poeira que os transeuntes levantam ao passar pela rua sem calçamento, João dava novos enfoques, falava de jeitos diferentes, possuía outra postura no trato com as palavras. Espontaneamente, uma reunião ali se formou, Paulo une-se a nós na conversa desinteressada, o lixo torna-se o assunto do momento, o galpão vem à tona naturalmente.

No bar, entre uma cerveja e outra, dialogamos por um bom tempo sobre a mobilização da comunidade para lutar pela construção do galpão, as pessoas que chegavam ligadas ou não à questão iam manifestando suas opiniões. Um misto de conformismo e resistência circulava pelos corpos ora mobilizando, ora desmobilizando.

Se o lixão “apareceu” na conversa do bar não foi como tema predominante, pois aos poucos foi cedendo lugar à discussão sobre futebol, à guerra no Iraque, ao chiqueiro de porco construído recentemente por um dos presentes, à capacidade de uma galinha de seu Paulo de colocar ovos em número nada normal.

A vida ganha curso, desenrola-se em um cotidiano multifacetado pela paisagem, compondo uma topografia espiritual ora apegada ora desapegada às questões que embalam esta dissertação. Das espontaneidades dos encontros/desencontros da região foram surgindo alguns vetores de perspectivação territorializados pelo clima desconcertante que uma pesquisa entra, quando, tenta sistematizar relações sociais em seus problemas.

Foi assim que, ao questioná-los sobre o movimento que faziam de narrar as vivências dos processos galpão e lixão, percebi a potência de tal interação. Nas palavras de João, que a seguir reproduzo, sinto-me provocado por suas “maneiras de dizer” o acontecimento-narração.

Eu acho uma boa a gente conversá, a gente vai se introsando de novo com o pessoal, vai arrecadando a auto-estima do pessoal de novo, porque o pessoal tá com a auto estima lá embaixo, tem que arrecadá deles de novo, que nem nós fizemos da primeira vez, foi conversando, foi arrecadando a auto-estima do pessoal, o pessoal influiu, eu acho que pensando o que já foi conseguido, vamo tocá o barco, vamo reconstruí esse barco e não deixá afundá mais, não pode afundá, acho que é por aí, nós temos de reconstruí a auto-estima do pessoal de novo e marca uma reunião (...) Tá caíndo de maduro isso (...) já tá quase podre (risos).

Na narrativa que pensa a narrativa vai se delineando um saber do lugar produzindo o acontecimento em outros tempos e lugares. Um experimento narrativo versa momentos separados pela cronologia dos encadeamentos acontecimentais, fazendo coexistir pela e na narrativa, um tempo único, um tempo do possível.

Uma vontade potente deseja um arrecadar de auto-estimas, de estimas do lugar que pela narrativa parece não só produzir saberes, porém re-inventar trajetórias no depoimento, ajudando a velejar pelos tortuosos jeitos que o “pessoal”

tomou. A forma do narrado constitui-se nos aprendidos com o acontecimento, nos saberes herdados destas pedagogias situacionistas.

Todo o devir-narração em que nos colocamos durante este momento de escuta, de aprendermos com o silêncio no lentificar de nossas consciências, expressa uma profundidade epitelial de elaborações nossas. E o reconstruir do barco que João presentifica em sua fala revela odores comuns de retomada, de mastigação de possibilidades arrancadas pelo curso do rio.

Uma espécie de antropofagia toma corpo quando a narração pergunta-se pela narração, pergunta-se pelos homens, engolindo, torcendo a situação pelo narrado na esperança que o falar suscita quando re-cria as emoções dos contextos vividos.

É preciso fluir, influir com os outros que perderam as estimativas. Talvez uma vidência de fluxos, de turbulências relacionais perdidas no transcorrer de uma fuga, um desacomodar-se com o cotidiano entranhado. Um entranhado que precisa ser estranhado, deposto de seu lócus privilegiado de único possível, para que o barco possa tornar-se novamente navegável e não caia de maduro ou apodreça.

Esta necessidade de criação do entrosamento, da mistura dos corpos em uma fruição do comum de alguma forma encontra sua força nos saberes do expresso. Aqui, a narrativa ganha espaço privilegiado como uma espécie de tônico catalisador de possibilidades, um bio-tônico atrator de estranhezas.

A narrativa beligera-se com a morte da possibilidade constituindo um biopoder, uma biopolítica, uma política de subjetividades criadora de alternativas nos entre-lugares que os saberes circulam e liquefazem-se.

A nau de João navega no limite de suas forças, ou seja, entre outras forças, nas fronteiras entre o fora e o dentro de um cotidiano que tudo deseja engolir em seu movimento de inclusão/exclusão. A vontade potente que invade sua voz gesta uma tentativa de fuga da “História”, pois o curso da luta pelo galpão tomou o rumo do fracasso, o galpão nunca fora construído. As estimas que se perderam da nau não acreditam mais naquela brisa que o acontecimento forçou a pensar quando fez sua aparição. Eu mesmo, quando narro estas linhas em minha confortável poltrona, catando as miúdas falas de João e Paulo, busco a brisa, o seu cheiro, a sua pele.

A narrativa de João é pura tentativa, é consolo também, é jeito dele de se colocar frente a mim e ao gravador que o incomoda naquele janeiro de 2004. Uma tentativa de sair do “desacorsoamento”.

(...) Se eles não ficarem mais desacomodados de repente eles voltem de novo, né? Porque a gente fala com eles e eles dizem: “Não aquilo lá é só conversa fiada. Eu não vou lá perder tempo”. Daí não adianta. O cara fica sem saída, né? Tem o João ali debaixo também. Ele veio às primeiras vezes, depois não veio mais também. Muita gente não vem, largaram de mão. Naquela época tinha o Pedro. Tem a gente do finado Gilberto, que é o Mauro, o Gabriel (...) não vem mais também. De 100, ficaram uns dez, se muito quinze, vinte. O pessoal desanima porque só fica em papo. Às vezes vem aí pra falar do negócio do galpão, e nem falar não falam. Já metem outras conversas no meio, agricultura, esses negócios “ambiental” também. Quantas vezes eu mesmo vim aqui nessas reuniões porque eles iam falar dos nossos assuntos e não falaram nada. Então, o que eu vou fazer lá também. Muitas vezes eu nem vim porque eles iam falar pros rural, e eu não sou (...) sou rural mas não lido com plantação. Aí o cara não vem. Às vezes, eles nem te comunicam também. De certo tu não faz parte daquilo ali! Mas de repente tu conversando com eles tu vai colhendo, vai colhendo e tu consiga apoio de novo. Agora se não fizer uma reunião pra ver o que tá acontecendo, não adianta. Eles têm que vir falar a verdade e botar os pingos nos “is” senão não adianta (...) o pessoal vem uma vez e não vem mais.

Os fragmentos que catei do narrado de Paulo ao pé de uma árvore compõem farrapos do dia, vetorizando entradas conectivas do lugar com o dito. Fissuras narrativas realizam intervalos com a paisagem, tecendo fios de significado temporalizados pelo clima, aconchegados com o calor de Janeiro. Paulo fala sentado, arrancando gramas, com a mão na terra. Sob nossa cabeça o verdejar da árvore que protege-nos do sol da tardinha, ali, na imanência da vida, com seus sons, cheiros e cores, fazemos nossos acordos.

Interpelações são feitas com a cumplicidade da natureza a nos espiar, nos interrogamos pouco a pouco com tudo aquilo que experimentamos e vamos do nosso jeito aprendendo com o tempo da vida, da vida que fala por nós. A experiência narrativa gesta momentos, devires, instituindo problemáticas, esculpindo vertigens no vivido.

Um deslizamento de perspectivas vai se delineando no desenrolar de nossas conversas, abarcando um trato do tempo no ritmo de nossos versos, uma linguagem se instaura nos interstícios dos olhares e, de mansinho, vão nascendo ou renascendo nossos lugares, nossas lutas e sonhos. Paulo vai coletando como um menino no pomar alheio, frutos proibidos no relembrar de nossas andarilhagens, e disso resultam, sem causalidade, os estilhaços do ontem, os retalhos do hoje e as águas em peneira do amanhã.

Nossa nau vai navegando por entre lembranças, impressões e invenções e o corpo vai marcando o tempo no transcurso das águas. A retomada, a urgência, que o falar sobre provoca, marca o gravador que atentamente o escuta, despertando bifurcações perdidas, desejos esquecidos, mexendo com conquistas distantes no

tempo do calendário. A dobra da memória vitaliza os sulcos do lugar com suas recordações e o ato de narrar torna-se uma dobradura do galpão.

Desdobramentos narrativos pedem pela narrativa de outros como uma forma de pedagogia do grito. Este momento de intensidade pela fala pensa estrategicamente, cria saberes transbordados pela vontade de potência, de recursividade com as ações e percepções vividas. É também momento de pedagogia, pedagogia de todos nós, quando embaixo da árvore pensamos juntos sobre o que nos alimenta naquela circunstância.

Aqui, faço minha as inquietações de W.Benjamin: o que é contar uma história? O que é contar a história? Estas interpelações extraídas do livro *“História e Narração em W.Benjamin”* de Jeanne Marie Gagnebin (1999) relacionam-se com a prática de escuta geradora deste terceiro capítulo, a forma como são contadas estas histórias do galpão, a necessidade que as levaram a dizer, as dificuldades de dizer, os silenciamentos, as hesitações, os lugares do inefável presente nas falas.

Estes jeitos de contar que, de certa forma, ditam os jeitos de escrever, comparecem nestas linhas enquanto justificativa da narrativa. Justificativa composta segundo a metáfora benjaminiana da “constelação”.

(...) tais estrelas, perdidas na imensidão do céu, só recebem um nome quando um traçado comum as reúne. Esta metáfora da constelação, que explicita a tarefa redentora da idéia, é retomada naquela da citação, tal qual as “teses” a desenvolvem. Quando Robespierre cita Roma antiga (Tese XIV), Benjamin vê nesta retomada, talvez inábil, o esboço de uma ligação inédita entre dois fenômenos históricos; graças a esta ligação, dois elementos (ou mais) adquirem um novo sentido e desenham um novo objeto histórico, até aí insuspeitado, mais verdadeiro e mais consistente que a cronologia linear (um pouco como esses jogos nos quais a criança deve interligar entre eles pontos esparsos no papel que, subitamente, revelam uma figura insuspeitada) (GAGNEBIN, 1999, p.15).

Esta figura insuspeitada que surge no interligar dos pontos configurando uma imagem na narrativa, reúne em um mesmo plano acontecimentos e situações de lugares e tempos diversos, cria visibilidades no tempo. Estas visibilidades são esboçadas na recapitulação dos dias tomadas no impulso vertiginoso do contar.

O lembrar configura constelações, estabelecendo conexões entre lugares e pessoas, em uma espécie de retorno às origens.

Assim, a origem não designa somente a lei “estrutural” de constituição e totalização do objeto, independentemente de sua inserção cronológica. Enquanto origem, justamente, ela também testemunha a não-realização da totalidade. Ela é ao mesmo tempo indício de totalidade e marca notória da sua falta; neste sentido preciso, ela remete sim, a uma temporalidade inicial e resplandecente, a da promessa do possível que surge na história (GAGNEBIN, 1999, p. 14).

A “origem” representa a cata dos possíveis no movimento do lembrar, uma espécie de coleta de sonhos e ações perdidos no transcorrer da caminhada. A narrativa, o relembrar, ganha significado pedagógico quando o ato de narrar adquire poder de afetar o narrador, confrontando-o com as promessas do ontem.

Pela narrativa, neste momento, passa uma série de possibilidades, coexistindo no tempo da fala e do silenciamento, os vários caminhos que a história do galpão tomou. A “origem”, esta espécie de genealogia do galpão, experimenta mais um ramo de acontecimentos, o devir-narração.

Experiência da narrativa que retoma saberes na produção de novos, produzindo uma retomada de possibilidades perdidas no tempo, possibilidades de visão. Esta retomada funciona como uma espécie de relâmpago, iluminando, subitamente, lugares escondidos pelo tempo.

As migalhas espalhadas pelo passado despertam a atenção no presente quando retomadas nas constelações dos significados. Assim, vai fazendo um duplo movimento, o esforço narrativo em meio ao mar de esquecimentos, e o lembrar que impulsiona a aprender pela lembrança.

Uma série de lembranças ganha corpo, recontando nos espaços do dito e do não-dito uma costura de sentidos que dispersos pelo tempo e aparecem no discurso. Um eco de saberes gerado pelo processo faz do presente uma caixa acústica para as vozes do passado. Coexistem aí, tempos diferentes, agrupados na tridimensionalidade do momento. Um tempo do agora (Benjamin).

Se o lembrar do passado não for uma simples enumeração oca, mas a tentativa, sempre retomada, de uma fidelidade àquilo que nele pedia um outro devir, a estes “signos dos quais o futuro se esqueceu em nossa casa” como as luvas ou o regalo que uma mulher desconhecida, que nos visitou em nossa ausência, deixou numa cadeira, então a história que se lembra do passado também é sempre escrita no presente e para o presente. A intensidade dessa volta – renovação quebra a continuidade da cronologia tranqüila, imobiliza seu fluxo infinito, instaura o instante e a instância da salvação (...) (GAGNEBIN, 1999, p.97).

Esta fidelidade ao passado que clama por um outro devir, leva o ato de narrar a inquietar-se com o presente, quebrando uma cronologia tranqüila estabelecida. Esta cesura na continuidade dos fatos mexe com os sentidos do agora, tecendo alternativas encharcadas pelas circunstâncias do presente.

Suspeito que esta pedagogia que chamo do galpão, também esteja em nossos jeitos de falar sobre o vivido, e que o encontro com o gravador tenha sido um de seus desdobramentos. Um acontecimento do acontecimento, a narração que se narra, que se pensa, a dobra da dobra, pedagogia da pedagogia.

Um certo desequilíbrio no narrado traça farrapos de vida na narrativa dando um estilo no “contar”, emendando lugares e tempos desalinhados e impuros com a linearidade de uma história. Exemplo que o cineasta italiano Antonione resume como uma tendência da narrativa contemporânea: “Hoje as histórias são aquilo que são, se necessário sem princípio nem fim, sem cenas-chave, sem curva dramática, sem catarse. Podem construir-se como farrapos, fragmentos: ser desequilibradas como a vida que vivemos” (apud PELBART, 2000, p. 93).

Quando pergunta-se pelos outros, Paulo tece crítica e auto-crítica com os destinos que a caminhada parece ter tomado. Há um ver que se estabelece por entre suas frases transpassadas de valorações nos estímulos do dia-a-dia. O falar permite um campo de visibilidade inaugurador de estranhamentos com totalidade toda sua de percepção, do que até ali fora o transcurso das coisas.

Vê, no devir-narrativo, uma forma de coleta e peneiração de possibilidades, onde o conversar com outros aparece como uma forma de mobilização, uma espécie de arregimentação de auto-estimas lembrando João. Coleta de subjetividades, colheita de sonhos na realidade dura que o narrar cria ao lado do entardecer de uma linha de fuga. Talvez, todo um alvorecer de virtualidades que unta a fala e o corpo com tom onírico.

Esse deslizamento acompanha uma contemporanização de saberes mergulhado na teia de significados que a busca de possibilidades corrobora. O devir narrativo é também aprendido, dobra do tempo da fala. João e Paulo tecem fabulações conjuntas e disjuntivas com os dizeres do lugar imprimindo suas marcas e sendo impressos por forças que invadem suas vidas e falam por eles.

Os despropósitos de seus devires narrativos criam propósitos na fala e possibilidades vão surgindo com o ato narrativo. Aprender a carregar água na peneira com a prática do grito, talvez seja, deixar-se levar pelo que nos acontece

estando à altura ou não dos moinhos. Carregar água na peneira, como o diz o Manoel, é encher os vazios com os cheios, fazer peraltagens com as palavras, criar peixinhos no bolso.

Acredito que a narração de Paulo e João tenha um pouco desses propósitos/despropósitos, um teco de poesia em suas falas, em suas vidas. O “desacorsoado” de Paulo, o “arregimentar de auto-estimas” de João tem um “quê” de poeta, de artista de si.

Todo o envolvimento que esta proposta dissertativa tenta tornar visível, busca neste capítulo uma justificativa para existir que é dado na poética de João e Paulo. Carregadores de água em peneira, horrorizados e indiferentes aos processos vivenciados, quixotes do cotidiano, ordinários e comuns, terrivelmente existentes a nos lembrar do lixo e de seus homens e mulheres.

Por isso, belisca escrever sobre pedagogias do/no lixo, talvez porque haja vida lá. Talvez porque fora dos muros encantados, mundos outros insistam em existir, fazendo peraltagens com as gordas narrativas que a tudo excluem/incluem e a todos identificam. Estes “catadores” do ser e do ter moem clichês educativos em suas fugas identitárias, quando o olho da academia é forçado a ver não só horrores em meio ao lixo, mas sabores, paladares e estilos de vida.

Esses estilos de vida selvagens à “Pedagogia” serpenteiam nestas narrativas, gritando por visibilidades. Talvez, aqui, deva lembrar das palavras de Foucault:

Até o momento, parece-me que os historiadores de nossa sociedade, de nossa civilização buscaram, sobretudo, penetrar no segredo íntimo de nossa civilização, em seu espírito, na maneira como ela constitui sua identidade, nas coisas as quais ela constitui valor. Em contrapartida, estudou-se muito menos o que nossa civilização rejeita. Pareceu-me interessante tentar compreender nossa sociedade e nossa civilização através de seus sistemas de exclusão, de rejeição, de recusa, através daquilo que elas não querem, seus limites, a obrigação em que se encontram de suprimir um certo número de coisas, de pessoas, de processos, o que elas devem deixar soçobrar no esquecimento, seu sistema de repressão-supressão (FOUCAULT, 2003, p.14).

O lixo, rejeito por excelência de nossa sociedade, forma as paisagens desta narrativa, desta pedagogia do rejeito, com seus processos, pessoas e coisas. Uma pedagogia dos rejeitados, dos não empregáveis. Os excluídos ganham o interesse na convivência que cria e re-cria saberes em um ambiente rejeitado pela gorda “Pedagogia”. O lixo como tema de pesquisa, como tema-vida em seus

desdobramentos atravessa as falas em uma marcha de sangue e suor gerando interfaces inquietantes com a “sociedade da informação”.

Sendo o estudo não uma busca pela identidade destas pessoas que seria de alguma forma forjada na convivência com/no lixo, em uma essencialização em estereótipos como “catadores”, criando uma estética da pobreza como uma nova mercadoria-imagem a ser vendida nos postos de troca, mas o entendimento de nossa compreensão do pedagógico como fruto de nossas relações sociais ancoradas em contextos precisos, que deve urgentemente perguntar-se por suas pretensas universalizações de método, sentido, conteúdos e lugares.

Assim, a prática do grito pode ser representante de muitas coisas, desde a mobilização ou não dos homens e mulheres do lixo até a problematização de nossas universalizantes pretensões a princípios e métodos educativos.

Não se trata de um respeito sacrossanto pelo exótico, nem de uma idealização estetizante do sofrimento, muito menos de uma mera constatação que isola cada um na sua diferença dada e ali o enclausura, fazendo dela uma identidade excêntrica. Trata-se, ao contrário, de um certo jogo vital com os processos cuja regra básica é cada cristal de singularidade, por exemplo um uenzz, possa ser portador de uma produtividade existencial inteiramente imprevisível, mas compartilhável. É uma produção, de obra, de subjetividade, de inconsciente, de rupturas e remanejamentos na trajetória de uma existência, seja ela individual ou coletiva, em que se trata, como diria Artaud, de roubar à idéia de existir o fato de viver, extraindo da mera existência a vida, ali onde ela esmorece enclausurada (PELBART, 2000, p.105).

A experiência narrativa composta por cristais de singularidade, fornece uma imprevisível produção existencial portadora de um caleidoscópio de possibilidades de visão. Estas visões são portadoras de maneiras de vivenciar o universo vivido com miradas intempestivas, vazando formas de ver que situam acontecimentos com sintaxes e semânticas novas.

Desta forma, o ato de narrar tece dobras de realidade na experiência-narração de Paulo e João, e produz um outro momento do processo galpão com uma metodologia que faz do falar sobre uma nova pedagogia do lugar.

Metodologia que apanha gritos para aos poucos “tecer manhãs” roubando da idéia de existir o fato de viver.

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não
Tece uma manhã:
Ele precisará sempre de
Outros galos.
De um que apanhe esse
Grito que ele lançou
E o lance a outro;
E de outros galos
que com muitos outros
galos cruzem
os fios de sol de seus
gritos de galo
para que a manhã
desde uma teia tênue,
se vá tecendo
entre todos os galos.

E se encorpando em
Tela, entre todos, se erguendo tenda,
Onde entrem todos,
Se entretendendo para
Todos, no toldo
(a manhã) que plana
livre de armação
a manhã, toldo de um
tecido tão aéreo que,
tecido, se eleva por si:
luz balão.

João Cabral de Melo Neto

INTERLÚDIO III - FABRICANDO CONCEITOS, INVENTANDO RAZÃO.

I

G. Deleuze e F. Guattari (2001) no livro “*O Que é a Filosofia?*” começam o texto se auto-interpelando:

Simplesmente chegou a hora para nós, de perguntar o que é a filosofia. Nunca havíamos deixado de fazê-lo, e já tínhamos a resposta que não variou: a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão. Seria preciso formulá-la “entre amigos”, como uma confiança ou confiança, ou então face ao inimigo como um desafio, e ao mesmo tempo atingir esta hora, entre o cão e o lobo, em que se desconfia mesmo do amigo. É a hora em que se diz: “era isso, mas eu não sei se eu disse bem, nem sei se fui assaz convincente”. E percebe que importa pouco ter dito bem ou ter sido convincente, já que de qualquer maneira é nossa questão agora (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.10).

Arte de inventar, fabricar conceitos - é assim que Deleuze e Guattari definem a filosofia. Porém, uma definição/resposta que necessita de uma paisagem, de uma hora, de uma ocasião. Quando pensam o conceito “filosofia” necessitam de um contexto que situe a prática criatória, lugares e personagens, uma espécie de campo imanente.

Esses personagens e lugares contribuem para definição do conceito, dando carne e cor para pensarmos o conceito em situação. Segundo Deleuze e Guattari: “Os conceitos, como veremos, têm necessidade de personagens conceituais que contribuam para sua definição” (Deleuze, Guattari, 2001, p.10). Ao longo desta proposta dissertativa trabalhou-se com muitos conceitos, entre eles quatro foram de maior relevância: niilismo, vontade de potência, dobra e querer-artista.

Com a perspectiva dada por Deleuze e Guattari nas linhas supracitadas foi esculpida uma tentativa de pensar estes conceitos a partir de um campo de imanência, o mundo da vida de João e Paulo. Com o contexto lixão em prosa foi delineado um jeito experimental de dessas olhadelas que, poemando realidades, foram descrevendo em fala o que se sente e o que se vive neste lugar.

Daí os conceitos vão aparecendo, surgindo na fabricação por entre o cotidiano, entrelaçados com as ocasiões e personagens que lapidam instantes captados no convívio. O cruzamento dos filósofos e seus conceitos com as paisagens poemadas por João e Paulo conduzem miradas problematizadoras de situações, torcendo os conceitos citados em realidades diversas.

Portanto, não se trata de “limpar conceitos” doados para pensar o contexto, trata-se sim, de criá-los em circunstâncias precisas, elaboradas no jeito narrativo que Paulo e João vão dando curso. Se a filosofia é a arte de criar conceitos, no entanto, necessita de campos de imanência para serem definidos de melhor maneira. Partindo destes pressupostos os conceitos me foram chegando nas falas de Paulo e João por entre as narrativas de ambos.

No processo/narração que criam, vão sendo inventados, torcidos, espremidos, estes conceitos no dia-a-dia, no transcorrer da vida que ganha visibilidade nas articulações enunciativas de Paulo e João. A estrutura desta proposta dissertativa atesta o uso destas premissas. Na estruturação do primeiro capítulo a noção/conceito de niilismo é criada na postura depreciativa com que o contexto lixo é pintado em um misto de denúncia/ anúncio.

Junto à criação do conceito de niilismo na topografia do lixo vai sendo circunstancializado, de forma entrelaçada, o conceito de vontade de potência. Os dois aparecem em meio a personagens, ocasiões, lugares, tendo sua problematização no primeiro interlúdio o caráter de perspectivar as operações que fazem neste campo imanente da fala dos narradores.

O mesmo acontece no segundo capítulo desta proposta dissertativa, os conceitos de dobra e querer-artista surgem das andanças dos devires-galpão sendo confeccionados durante os acontecimentos que este suscita. A forma de pensá-los se enraíza nos inter-cruzamentos que a narrativa galpão instaura em seus devires.

Decorre daí uma estrutura dissertativa fundamentada a partir das falas/vivências sendo os conceitos expostos vergados no plano em que as tramas se desenrolam.

“Toda a criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade. O primeiro princípio da filosofia é que os universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p15).

Longe dos universais, dos princípios apaziguadores do caos da vida, o que se buscou foi a complexidade de atos sociais, sua singularidade. Singularidade que os permitem serem conectados, transpassados, perpassados por vetores que os dobram com saberes e intuições. A “Pedagogia”, como universal, só pode, desta forma, ser pensada a partir de experiências concretas, no mundo da vida.

Pois, segundo o veredito nietzscheano, você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído uma intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens que os cultivam (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.15 e 16).

Fabricar razões aqui, é intuir criações molhadas pela geografia do lixo onde a criação, a invenção de realidades é o motor gerador das questões que dão corpo à proposta dissertativa.

“Tudo que não invento é falso”, assim resume Manoel de Barros no seu jeito de fazer poesia, a lida com os conceitos destes interlúdios caminha pelo mesmo lirismo de conduta, produzindo invenções conceituais nas hibridações agonizantes da feitura destas linhas.

II

A criação desses conceitos em situação permitiu a elaboração de experiências com a escrita, dando visibilidade a uma variedade de vetores que exercitam os conceitos em seus solos. Uma espécie de pedagogia do conceito explora suas várias nuances por entre-lugares, trafegando por momentos que permanecem singulares em suas ocorrências, auto-poetizando criações de si.

O exercício herético em que movem-se revela características complexas, desvelando componentes múltiplos.

Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. É por isso que, de Platão a Bergson, encontramos a idéia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário. É apenas sob essa condição que pode sair do caos mental, que não cessa de espreitá-lo, de aderir a ele, para reabsorvê-lo (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.27).

Na irregularidade que os cerca, os conceitos e razões aqui inventados são cortados e superpostos nos intervalos e arestas que as práticas sociais inauguram, articulando fabricações modulares nas rachaduras escavadas.

Porém, estes mesmos conceitos não surgem da calma de um mundo sem tensões, mas de problemas. "Mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados (pedagogia do conceito)" (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.28).

As formas de aprender nas práticas sociais desses homens criam problematizações conceituais colocando nas narrativas interrogações pedagógicas culturalmente situadas. Destas interrogações brotam invenções e saberes significantes que levaram à construção destes escritos.

Numa palavra, dizemos de qualquer conceito que ele sempre tem uma história, embora a história se desdobre em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes. Num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p.29 e 30).

Esta história do conceito dobrada e ziguezagueante ganha feições traçadas nos contornos das paisagens propostas e criadas nos capítulos. Frutos de problematizações estes conceitos pertencem ao campo de imanência no qual são criados ou re-criados permanentemente, como uma experimentação constante. Esta prática conceitual promotora de uma pedagogia dos conceitos assume novos contornos em seus cortes e recortes, estabelecendo realidades conectadas com linguagens e tempos diferentes.

A Pedagogia do Galpão assim, pode ser entendida como uma criação conceitual proposta a partir de interpelações surgidas da tensão de uma convivência que se auto-interpela em seu cotidiano, produzindo buscas norteadas pelo desencadeamento de trajetórias do questionamento.

III

A fabricação de conceitos é gerada em meio a muitas práticas que se interpenetram, recortando-se mutuamente. Esta interferência entre práticas diversas multiplica criações que ecoam em campos de intensidade forjando produções híbridas.

(...) a teoria filosófica é uma prática, tanto quanto seu objeto. É uma prática dos conceitos, e é preciso julgá-la em função das outras práticas com que ela interfere. Uma teoria do cinema não é "sobre" o cinema, mas sobre os conceitos que o cinema suscita, e que estão também em relação com outros conceitos correspondentes a outras práticas, a prática dos conceitos em geral não tendo nenhum privilégio sobre as outras, do mesmo modo que um objeto também não tem sobre outros. É no nível da interferência de muitas práticas que as coisas se fazem, os seres, as imagens, os conceitos, todos os tipos de acontecimentos (DELEUZE apud MACHADO, 1990, p.6).

No nível das interferências as práticas pedagógicas de Paulo e João produzem criações conceituais suscitadas por uma rede de contágio, versando uma teia de aprendizagens que poliniza saberes ressonantes. Assim, os conceitos são transformados em instrumentos de uso para a experimentação no dia-a-dia.

A forma com que lidam com estes conceitos no cotidiano indica os jeitos de aprender com os acontecimentos. Os acontecimentos que passam pela atmosfera da região denunciam disposições corporais que fazem uso de estilos de vida singulares, forjando formas de pensar o lugar.

As misturas conceituais provocam torções/distorções irreverentes ao campo problemático do qual certos conceitos foram roubados para uso e abuso.

Daí a relevância da idéia de colagem. Falar de colagem a respeito do pensamento filosófico significa dizer que o texto considerado é muitas vezes extraído de seu contexto, ou melhor, que os conceitos – considerados como objetos de um encontro, como um aqui e agora, como coisas em estado livre e selvagem – são utilizados como instrumentos, como técnicas, como operadores, independente das inter-relações conceituais próprias do sistema a que pertencem. Citando um poema de Bob Dylan que proclama "Sim, sou um ladrão de pensamentos", *Dialogues* faz uma apologia do "roubo", da "captura", e explicita esse procedimento de leitura defendendo que "não se deve procurar se uma idéia é justa ou verdadeira. Dever-se-ia procurar uma idéia totalmente diferente, em outra parte, em outro domínio, tal que alguma coisa passe em entre as duas (MACHADO, 1990, p.16).

As colagens conceituais temperadas por muitas mãos roubam idéias e teorias, conceitos e poesias dando novos contornos e encontros aos pensamentos. A cata de material espiritual recicla coisas e saberes vibrantes e gritos guturais provenientes de lugares díspares fazem uso de conceitos que necessariamente não correspondem com as paisagens ao qual aparecem.

O uso destes conceitos miscigenados com práticas diversas coloca no mesmo plano o fazer dos “catadores” e a filosofia de Nietzsche e Deleuze. O conceito de “Dobra” circula por entre campos e solos distantes ao sistema em que foi criado, funcionando como ferramenta do pensamento nos experimentos de inteligibilidade.

Operadores do entendimento, a torção dos conceitos entre o fazer social do devir-lixão, devir-galpão e o devir-narração intensifica potências em sinergia. O roubo de pensamentos é coerente com a criação de saberes na pedagogia do galpão, colcha de retalhos confeccionada nos processos conectivos que produz.

“O que sou eu se não um colecionador de olhares desaparecidos?” - esses olhares desaparecidos que coleciono ao longo destas linhas captam formas de perceber e formular o percebido em confluência com a confissão da personagem do cineasta grego Theo Angelopoulos, no filme *“Um olhar a cada dia”*. Um olhar que, embebido por aromas e lembranças, flui nas conexões das perspectivas que poemam as criações ou recriações conceituais, como um homem que mergulha na multidão para afogar o grito do seu próprio silêncio (Rabin Dranath tagore).

Recriar os conceitos nos mundos possíveis dessas narrativas/vivências segue o único ditame, auto-imposto, de liberar a criatividade na escrita a partir dos diversos elementos que servem como matéria-prima, possibilitando pensar o diferente com instrumentos variados.

IV

Nestes interlúdios os conceitos foram sendo tecidos com a cumplicidade da re-invenção, sendo remanejados nas paradas experimentativas que o uso legou. A forma como foram manuseados condiciona-os a vibrações no plano em que aparecem, dando aparecimento a problematizações e criações coletadas nas narrativas de João e Paulo.

O niilismo que leva à produção de alternativas dando vazão a vontades potentes que desdobram-se por entre dobraduras de acontecimentos. Acontecimentos catalisadores de vontades de ultrapassamento de si, onde brota um querer-artista capaz de re-invenção de si mesmo. Produção de subjetividades na cartografia de práticas que auto-poetizam processos de aprendizagem nos territórios criados nestas narrativas.

Assim, vão sendo construídos caminhos percorridos sob a mira de um remanejamento constante destes conceitos que abrem-se a todo instante a novas e diferentes definições.

Um filósofo não pára de remanejar seus conceitos, e mesmo de mudá-los; basta às vezes um ponto de detalhe que se avoluma, e produz uma nova condensação, acrescenta ou retira componentes. O filósofo apresenta às vezes uma amnésia que faz dele quase um doente: Nietzsche, diz Jaspers, “corrigia ele mesmo suas idéias, para constituir novas, sem confessá-lo explicitamente; em estado de alteração, esquecia as conclusões às quais tinha chegado anteriormente”. Ou Leibniz: “eu acreditava entrar no porto, mas (...) fui jogado novamente em pleno mar” (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.34).

Jogando com estes conceitos fui tentando significá-los nas relações em que aparecem no texto, em uma caixa acústica que os vibra na freqüência de seus problemas.

A coesão aforismática que busco não preocupa-se em dar contornos “fechados” à rede conceitual utilizada, mas abrir fronteiras de pensamento com potencialidade para o novo nestas relações pagãs. A utilização dos conceitos é uma espécie de tentativa de cruzamento de máscaras no intuito de criar novos e potentes recursos para pensarmos as questões propostas nos devires destas narrativas.

Confessa Deleuze e Guattari que,

Os planos é necessário fazê-los, e os problemas, colocá-los, como é necessário criar os conceitos. O filósofo faz o que pode, mas tem muito a fazer para saber se é o melhor, ou mesmo se interessar por esta questão. Certamente os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossas histórias e sobretudo com nossos devires (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.40).

Com problemas que acredito serem os meus, criados nos devires de convivência em todo processo galpão, os conceitos foram surgindo como agentes potencializadores, agenciadores de práticas sociais nutridas nos locais onde

circulam. Estes conceitos fazem parte de uma densa tentativa de produção de pedagogias a partir de atos sociais em comunidade.

Este sobrevôo por paisagens exprime a grandeza dos encontros em processos pedagogizadores que tentam captar a riqueza do vivido em locações de imagens pigmentadas com as cores do lugar, convocando a pensar o acontecimento galpão como um agente criador de subjetividades.

O conceito filosófico não se refere ao vivido, por compensação, mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas. Cada conceito corta o acontecimento, o recorta a sua maneira. A grandeza de uma filosofia avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam, ou que ela nos torna capazes de depurar em conceitos (DELEUZE, GUATTARI, 2001, p.47).

O galpão, enquanto acontecimento, torna-se agente criador de subjetividades e re-criador de conceitos que atravessam os saberes da região, fomentando pontes que interligam o fazer social de muitos e muitas que ajudaram a afinar os instrumentos que compõem estas pausas.

A pedagogia do galpão tem em uma de suas dimensões, o caráter de desvelar conexões entre a prática da escrita e o vivido, realizando construções selvagens em todo o processo de criação até aqui realizado, sendo o ato de escrever um de seus momentos e o autor destas linhas parte dos processos de aprendizagens do acontecimento/galpão.

Fabricar conceitos na re-invenção que os acontecimentos convocam ganha ares de intempestividade, de vertigem mesmo, pois obriga a uma vigilância constante para que essas re-criações estejam na altitude adequada em ao qual exigem. Como na personagem de Melville (2003), no livro *"Moby Dyck"* em que reverenciando certo marinheiro chamado Bulkington revela-lhe uma personalidade onde "a terra parece queimar-lhe os pés".

A tempestade intelectual, esta explosão de perguntas que queimam nossas hipóteses uma a uma na caminhada de nossas pesquisas, nos joga de novo em alto mar (onde é o nosso lugar) para que novos jeitos de pensar ganhem espaço, incendiando nossos pés com o magma semântico que escorre por entre nós.

Sob o signo desse sobressalto somos empurrados a pensar aquilo que nos acontece com as armas que temos, escancarando versos como os de Guimarães

Rosa (1988) “Vivendo se aprende: mas o que se aprende mais é só fazer outras maiores perguntas”.

EPÍLOGO – APRENDENDO A CARREGAR ÁGUA NA PENEIRA.

Assim um crescer e descontrer-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco. O Menino.

E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades.

Guimarães Rosa

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?

C. Lispector

Compartilhar este fim que chega a guisa de conclusões, ainda que acidentais, remete-me a sensações de incerteza com o que aconteceu por dentro dessas linhas, turbilhonando explosões de sentido em fatos inventados na esperança. As coisas que acontecem antes de acontecer provocam certa vertigem no contar, mania de comparecer aos próprios desencontros, talvez...

O fato é que (ainda que inventado) o transcorrido margeia o feliz na impropriedade do despropositado, propositando o impensado na alegria do desencontro. Assim é que a coragem supera o medo e o espaço em branco vira Menino. E as coisas (essas coisas) de repente acontecem, vindo sabe-se da onde depositar em doces passos a beleza da infâmia a espreitar sorrateiramente o inédito.

Pouco, com muito pouco, os abraços vão acontecendo na lama dos dias, “entretendendo” saberes nas águas em peneira que os meninos carregam dos jeitos que podem e aprenderam. Estes despropósitos viram propósitos nas marcas que realizam no amálgama dos acontecimentos, amiúde se, de alguma forma, foram ou não foram vitoriosos em suas tentativas.

Escrevo como quem lança uma flecha, incerto do destino da mesma, aconchegado que estou na posição de arqueiro da diferença. Lanço-a no infortúnio do atrito, no lençol dos ventos que acobertam com o macio do tecido, para que no seu sobrevôo apareça no anil do céu, cruzando o infinito com a possibilidade de sua trajetória.

É estranho pensar que o propósito da dissertação em curso (o galpão) nunca se realizou. O objetivo que motivou a alcunha dos versos não existe na arquitetura do mundo, não faz sombra e nem protege da chuva. Paulo e João continuam por onde, no tempo nu da paisagem, sendo nos lugares e acontecendo nas coisas.

Apesar dos pesares conforta saber que nos fatos crus do cotidiano, em sua sonoridade, o que impressiona são os sussurros (C. Lispector). E o espanto que é meu, brinda a vida com os misgalinhos do ínfimo (Manoel de Barros). Foi difícil escrever golpeado pela aparente derrota, ainda que parcial, a perseguir uma tradução, cópia de mim, inventada no feliz (Guimarães Rosa).

Tentei, confesso. Exercitei o olho nas minúcias, acabei percebendo o que foi jogado pelo lado de fora da janela. Foi aí que (para meu espanto) “as satisfações vieram antes da consciência das necessidades”. E o despropósito afigurou-se (para mim) em espetáculo do possível. O Menino, com M maiúsculo, destampou a correr encontrando sentido para escrever sobre o que viveu. Daí fez-se pedagogia.

Pedagogia do impossível, da (des) utopia, pedagogia do não lugar. O galpão materializou de outras formas, formas do impensado. O propósito galpão cedeu lugar aos despropósitos, e esses despropósitos viraram a diferença. A derrota, a pseudo-derrota, saiu de cena, alargando espaço para o novo, o diferente. Falar sobre todo este processo, resultou na busca por pensar a diferença pela e na diferença.

Daí decorre uma propensão à esperança, de sua invenção no feliz. Abrir-se aos acontecimentos significa despojar-se dos propósitos quando, em alguns momentos, estes passam a ofuscar pelo horizonte o instante da caminhada.

Conseqüência imprevista: pensar a passagem. Prisioneiros da passagem, (Nietzsche) somos aos poucos levados pela torrente equilibrando-nos nas pedras do lago. Lago de águas superficiais, espelhado pelo céu dos dias, margeado por natureza de toda ordem.

Estas margens da alegria escondem mais do que contam, enigmando saberes com poesias, tecendo manhãs com galos, usando meninos como desculpa para inocência do não saber. Olhar de criança, melhor não há. Meninice para narrar imagem fornecida com sabor de desfecho, para aquele fim que chega quando a gente sabe que chegou ao fim, fim de quê?

Talvez, do compromisso de saber o que de fato aconteceu com a pedagogia inventada no galpão, galpão dos meninos, casa da árvore de alguém. Não sei, confesso que nada sei sobre a veracidade dos fatos, não posso dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando (C. Lispector).

Acreditei desde o princípio, acho que com lágrimas nos olhos. Foi com um despropósito que acabei por lá, no “corredor¹⁷”, na rua de João e Paulo. Com outro despropósito que relato deste jeito, pensando enquanto escrevo, incerto do resultado. A vida segue seu rumo incerto, de chuva em chuva, colocando novos pingos nos “is”.

Por trás daquele morro esconde-se a complexidade do mundo, atrevido de vontades e sonhos, repleto de esconderijos literários. É também por lá que escoo a sabedoria do mundo, nas relações do sensível, vermelhado pelo sangue que escorre das vidas em luta.

Seguindo orientações do poeta (Rilke) vou vivendo, por enquanto, as perguntas e delas vou abstraído em silêncio, na composição que ora faço em tom de despedida. Destas “perguntidades” vai nascendo ao sabor da caminhada questões de relevância que urgem por divagação.

Pelas janelas, olhou;urgia a divagação. Passou a paisagem pela vista, só a segmentos, serial, como dantes e ainda antes. De roda na vislumbração, o que dos vales e serros vem é que o horizonte é – tudo em tudo. Pois, noutra lança de vista, ele pegava a paisagem pelas costas: as sombras das grotas e a montanha prodigiosa, a vanecer-se, sobre as asas (GUIMARÃES ROSA, 1988, p.75).

Com a paisagem pelas costas vou pegando pela vista os segmentos de outrora, de tudo em tudo. Destes silêncios que ficaram, nem sempre tangíveis, acarreta dura empreitada: pensar o que antes tinha surgido como “perguntidade” de tudo isso. Destas “perguntidades” – agora salientes – eis que brota a questão principal: No “galpão” há “pedagogia”?

Se a pergunta não cala durante todo o percurso fazendo destes escritos vítimas de sua inquietação, é porque a ela (pergunta) foi tributada toda uma carga de disfunções líricas. Perguntar-se sobre a pedagogicidade do Processo/devir “galpão” insinua o compromisso de coerência com tudo aquilo que aqui é paisagem. Espero que durante a leitura as respostas possam ter ido chegando ao estilo de uma epistemologia regional (Bachelard), sendo recorrente nos enfoques apresentados a forma que essa suposta “pedagogia” se deu por entre práticas sociais.

Talvez a insistência que ora faço sobre a “pedagogia” no “galpão” venha do olhar que por todos os cantos esbocei na trajetória desta elaboração dissertativa, e

¹⁷ Ver prólogo, aforismo I.

se chego repleto de dúvidas e inquietações sobre o jeito em que olhei para tudo isso não é o momento de recorrer a outro olhar, porém o momento de confessar que se pudesse re-escreveria tudo de novo e de outro jeito. O tempo por (mim) permitido não acalenta um eterno re-fazer, mas uma despedida do seu ciclo de aprendizado para, em outras ocasiões, continuar vivendo estas “perguntidades”.

Se a “pedagogia do galpão” existiu, não responderei aqui com sonoro “sim” ou “não”, deixarei para o leitor (a) o judicativo da questão. A (mim) compete, neste momento, somente lembrar que as pontes construídas, ligando continentes, servem como provocadores, vigiando o poemar sobre o fundo por onde cruza.

Antes de despedir-me por completo faltaria uma última questão: o “grito”. Da mesma forma que a pergunta sobre a pedagogia encontrou respostas (espero) nos interstícios, a existência ou não de um “grito” de Paulo e João recai na mesma expectativa. Jogo de espelhos, labirinto de labirinto (Borges) a resposta mais uma vez dá lugar à confissão, e esta sobrevém com a humilde constatação: se o grito é mais meu do que de João e de Paulo o judicativo também fica a critério.

Se devia ou não devia contar-lhes com os motivos de talvez, deixo ao nosso Guimarães Rosa (por incompetência ou reverência) a função de, como dizem: “com licença poética” dar fecho ao que aqui não termina, a “pedagogia do galpão”.

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Trebusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano – intersecção de planos – onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que atulha e soterra? Depois, o “salto mortale (...)” – digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e de timbre novos as comuns expressões, amortecidas (...) – E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: - “Você chegou a existir?”.

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim? (GUIMARÃES ROSA, 1988, p.72).

É coisa de fazer verso que me encanta
Peraltagens com as palavras
De tudo com tudo
Inventar moda.
Que nem criança quando apronta
Quando desfaz o bordado só para
Chamar a atenção.
Disseram que a dissertação era um bicho sério
Pois mais sério é o bicho homem
E ficou sendo.

Marcio Tascheto da Silva

BIBLIOGRAFIA

- ANDERS**, Guinter. Kafka: Pró e Contra. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969.
- ARALDI**, Clademir Luís. Nihilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2004.
- BACHELARD**, Gaston. A Formação do Espírito Científico. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1996.
- _____ A Poética do Espaço. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- _____ A Psicanálise do Fogo. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- BHABHA**, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. O Afeto da Terra. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
- BADIOU**, Alain. Deleuze: O Clamor do Ser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BARROS**, Manoel de. Exercícios de ser Criança. São Paulo: Ed. Moderna, 1999.
- _____ Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- BLANCHOT**, Maurice. Pena de Morte. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991.
- _____ A Conversa Infinita. São Paulo: Ed. Escuta, 2001.
- BORGES**, Jorge Luis. Ficções. São Paulo: Ed. Globo, 1998.
- BRAUDEL**, Fernand. Escritos Sobre a História. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969.
- CALVINO**, Ítalo. Seis Propostas para o Próximo Milênio. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2000.
- _____ O Castelo dos Destinos Cruzados. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2000.
- _____ Nossos Antepassados. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2000.
- CERTEAU**, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2002.
- _____ A Invenção do Cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e Resistência. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

_____ - Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Cia das letras, 2001.

DELEUZE, Gilles. O Que é Filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1994.

_____ Conversações. São Paulo: Ed. 34, 1990.

_____ Foucault. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

_____ A Dobra. Campinas: Ed. Papyrus, 1991.

_____ Nietzsche e a Filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

_____ A Lógica do Sentido. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1971.

_____ história da sexualidade 2: o Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

_____ A Ordem do Discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

_____ Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2000.

_____ Ditos e Escritos IV. Rio de Janeiro: Ed Forense, 2003.

FREIRE, Paulo, **GADOTTI**, Moacir, **GUIMARÃES**, Sérgio. Pedagogia: Diálogo e

_____ Conflito. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

_____ Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

_____ Política e Educação. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

_____ Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo, **NOGUEIRA**, Adriano. Que Fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo, **NOGUEIRA**, Adriano, **MAZZA**, Débora. Fazer a Escola Conhecendo a Vida. Campinas: Ed. Papyrus, 1990.

FREIRE, Paulo, **NOGUEIRA**, Adriano, **MAZZA**, Débora. Na Escola que Fazemos.

Petrópolis: Ed. Vozes, s/a.

FREIRE, Paulo, **BETTO**, Frei. Essa Escola Chamada Vida. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

GÓGOL, Nikolai. Almas Mortas. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2003.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____ As Três Ecologias. Campinas: Ed. Papirus, 2001.

HARDT, Michael. Gilles Deleuze um Aprendizado em Filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

HOLLOWAY, JOHN. Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder. São Paulo: Ed. Viramundo, 2003.

LAUTER, Wolfgang Muller. A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche. São Paulo: Ed. Annablume, 1997.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a Verdade. São Paulo: Ed. Graal, 2002.

_____ Zaratustra Tragédia Nietzscheana. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

_____ Deleuze e a Filosofia. São Paulo: Ed. Graal, 1990.

MAFFESOLI, Michel. A Parte do Diabo: Resumo da Subversão Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

MARTON, Scarlett. Extravagâncias: Ensaio Sobre a Filosofia de Nietzsche. Ijuí: Ed. Unijui, 2001.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____ Cognição Ciência e Vida Cotidiana. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto, **Varela**, Francisco. A Árvore do Conhecimento. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2001.

_____ Ontologia da Realidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MELVILLE, Herman. Moby Dick. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2003.

MOLL, Jaqueline. Histórias de Vida Histórias de Escola. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

NEGRI, Antonio. Anomalia Selvagem. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____ 5 Lições Sobre Império. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1998.

_____ Aurora. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2004.

_____ Humano Demasiado Humano. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2000.

_____ Assim Falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1998.

_____ Fragmentos Finais. Brasília: Ed. Da UnB, 2002.

NOGUEIRA, Adriano. A Fala do Povo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

PELBART, Peter Pál. A Vertigem por um Fio. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

_____ A Nau do Tempo Rei. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1993.

_____ O Tempo Não-Reconciliado. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

_____ Vida Capital. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

PESSOA, Fernando. O Livro do Desassossego. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2003.

PINHEIRO, Francisco de Ambrosio. Imanência e História. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.

SARAMAGO, José. Levantado do Chão. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2000.

SERRES, Michel. O Contrato Natural. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1990.

SPINK, Mary Jane. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

SUFFRIN, Pierre Héber-. O Zaratustra de Nietzsche. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed. UnB, 1998.

WOOLF, Virginia. Mrs. Dalloway. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.